

FIESP CIESP

DEPECON

Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos



**Indicadores Econômicos da Indústria
de Transformação e dos Setores do
Sindicato**

SIMEFRE

Agosto de 2016

Este relatório visa a fornecer informações econômicas sobre a Indústria de Transformação aos Sindicatos filiados à FIESP. Primeiramente, avalia-se o cenário econômico atual, seguido de informações de comércio exterior, produção, produtividade e emprego para a Indústria de Transformação com abertura setorial. Os indicadores aqui são os mais atuais disponíveis no momento de confecção do relatório. Sempre que possível, são fornecidas também informações específicas sobre os produtos e/ou setores representados pelo Sindicato.

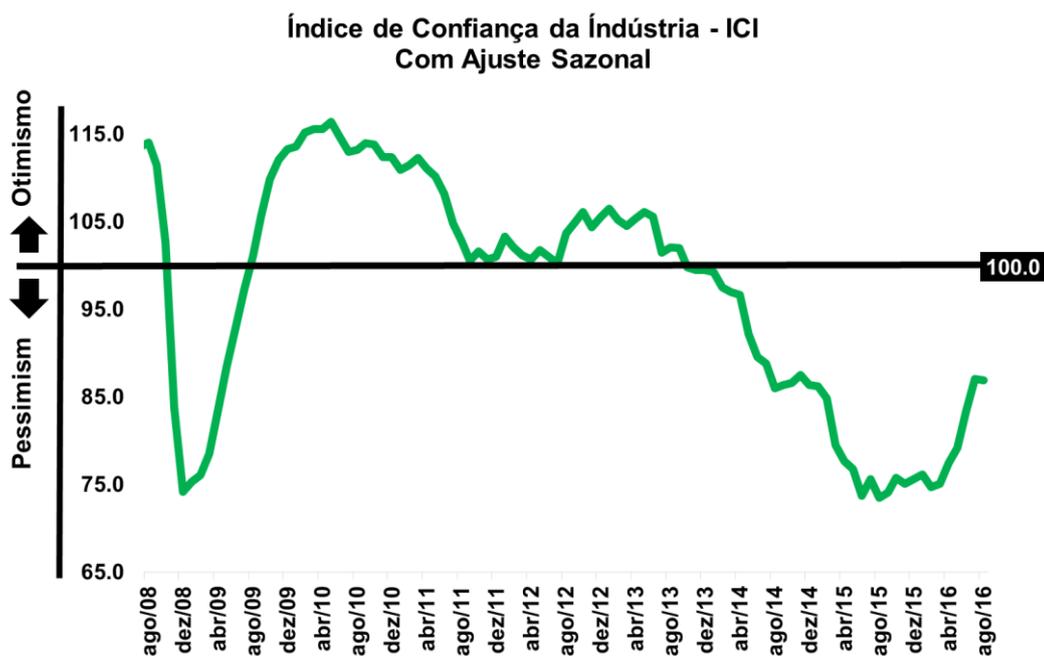
Sumário

1. Cenário Econômico.....	3
2. Comércio Exterior.....	7
2.1. Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação.....	7
2.1. Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação.....	14
3. Exportações, Importações e Balança Comercial dos Produtos do SIMEFRE.....	21
4. Produção Industrial Brasileira.....	32
5. Produtividade Física do Trabalho na Indústria de Transformação.....	35
6. Emprego na Indústria.....	38
7. Empregos e Salários nos Setores CNAE do Sindicato.....	42
7.1. Setores CNAE no Sindicato.....	42
7.2. Evolução da Ocupação nos Setores do Sindicato.....	43
7.3. Variação do Emprego nos Setores do Sindicato em 2016.....	43
7.4. Evolução Real dos Salários.....	45

1. Cenário Econômico

Resultados recentes de indicadores de atividade mostram atenuação do quadro recessivo da economia brasileira. Os sinais, embora incipientes, sinalizam para estabilização da atividade econômica. No caso da indústria de transformação, os dados dos últimos meses apontam para a reversão da trajetória de queda da produção do setor. Sondagens da indústria, corroboram essa avaliação, apresentando recuperação da confiança do empresariado industrial. No mercado de trabalho, no entanto, o quadro permanecerá negativo. Devido às defasagens com que responde a atividade econômica, o mercado de trabalho continuará a apresentar fechamento de vagas e elevação da taxa de desemprego.

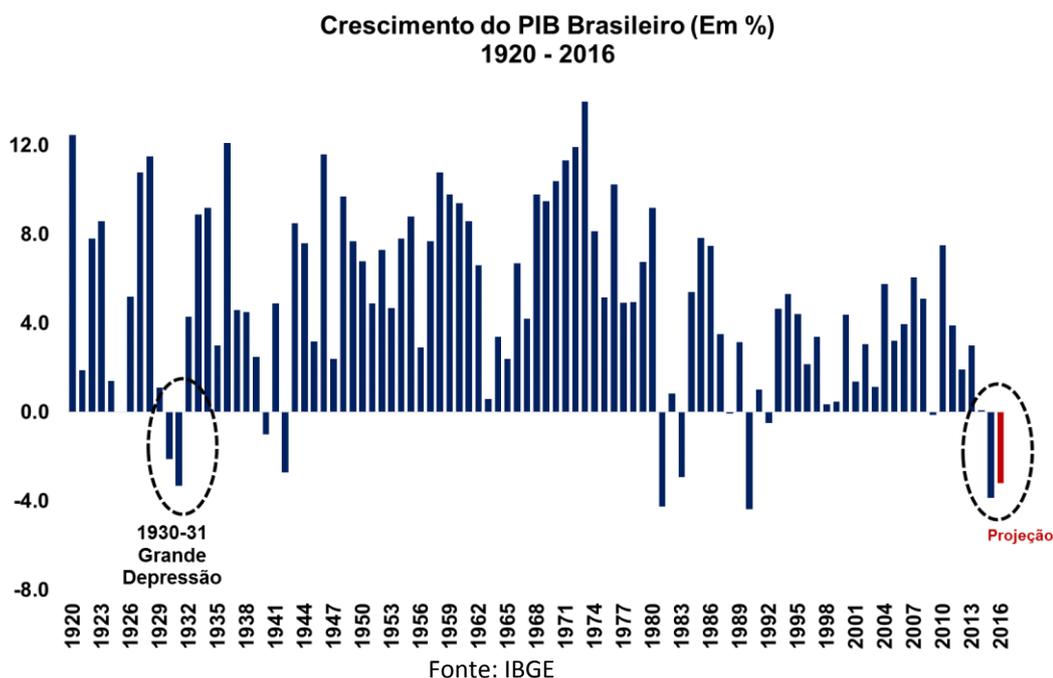
Dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE mostram que a produção da indústria interrompeu a tendência de queda. No segundo trimestre de 2016 a produção industrial cresceu 1,2% com relação ao primeiro trimestre, expurgada a sazonalidade, sinalizando a primeira alta após 11 trimestres consecutivos de contração. Sondagens da indústria corroboram a avaliação de retomada do setor, ao mostrar recuperação da confiança do empresariado industrial nos últimos meses.



Fonte: FGV

Com relação ao setor de serviços e o consumo das famílias, captado pelas vendas do varejo, o cenário permanece negativo. No entanto, com a redução dos níveis de incerteza na economia, a confiança do consumidor vem mostrando melhora, podendo configurar nos meses à frente em redução do ritmo de queda no varejo, ou em lento crescimento. No caso do setor de serviços, os segmentos mais ligados a indústria já mostram sinais de estabilização, como é o caso do segmento de Transportes e Correio.

A despeito dos sinais de estabilização da economia, o PIB apresentará queda em 2016. Depois de amargar recuo de 3,8% em 2015 esperamos que o PIB mostre recuo de aproximadamente 3,0% em 2016, marcando dois anos consecutivos de contração, algo que não ocorria no Brasil desde o biênio 1930-31. A deterioração dos fundamentos econômicos foi expressiva, com aperto nas condições de crédito, inflação elevada, queda do nível de emprego e da renda. Ademais, a incerteza sobre a trajetória das contas públicas contribui para manter a confiança do empresariado em níveis historicamente deprimidos, afetando negativamente os investimentos, o emprego e o crescimento econômico.



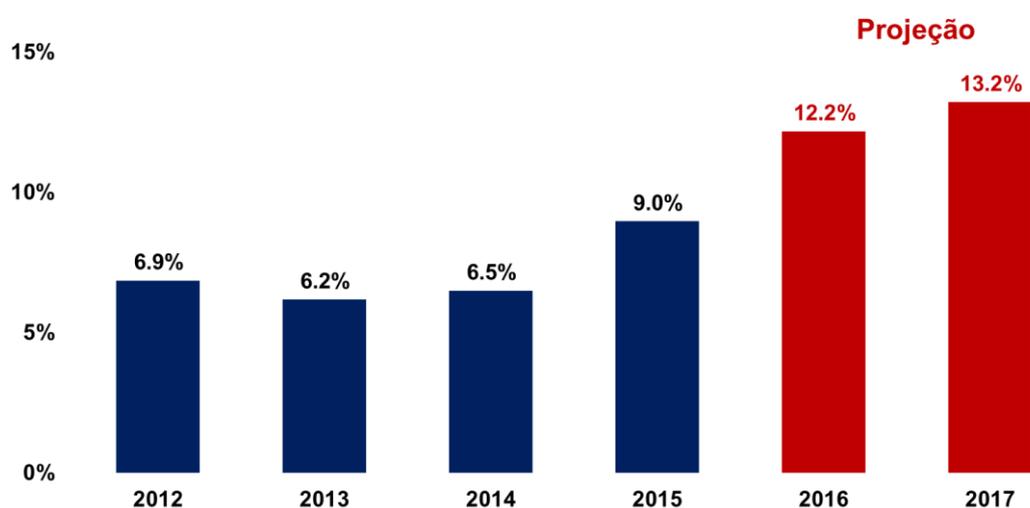
As expectativas do mercado para o crescimento do PIB brasileiro em 2017 sugerem que a recuperação da atividade será lenta. A mediana das expectativas dos analistas, coletada pelo Banco Central e apresentada no Relatório Focus, aponta para um crescimento do PIB de apenas 1,20% em 2017¹. Os fatores de contenção

¹ <http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20160819.pdf>

do crescimento econômico serão, entre outros: um crescimento global moderado; a expectativa de um moderado ciclo de redução da Taxa Selic, como vem sendo sinalizado pelos diretores do Bacen; a desfavorável dinâmica das contas públicas, podendo elevar a percepção de risco na economia; um mercado de trabalho ocioso, com taxa de desemprego crescente e redução dos rendimentos; e um canal de crédito permanecendo restritivo devido aos níveis elevados de desemprego.

Devido às defasagens com que responde a atividade econômica, o quadro permanecerá negativo no mercado de trabalho. Segundo o Ministério do Trabalho, em 2015 houve o fechamento de 1,6 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. Para 2016, a nossa previsão é que sejam fechados 1,2 milhões de postos de trabalho formais. Com relação a taxa de desemprego, após encerrar em 9,0% em 2015, acreditamos que a taxa de desemprego atinja 12,5% no final de 2016. Em termos de contingente, estimamos que o número de desocupados passará de 6,4 milhões de milhões em 2014 para 12,6 milhões em 2016, um salto de 6,2 milhões em dois anos.²

Taxa do Desemprego
(Fim de Período- em %)

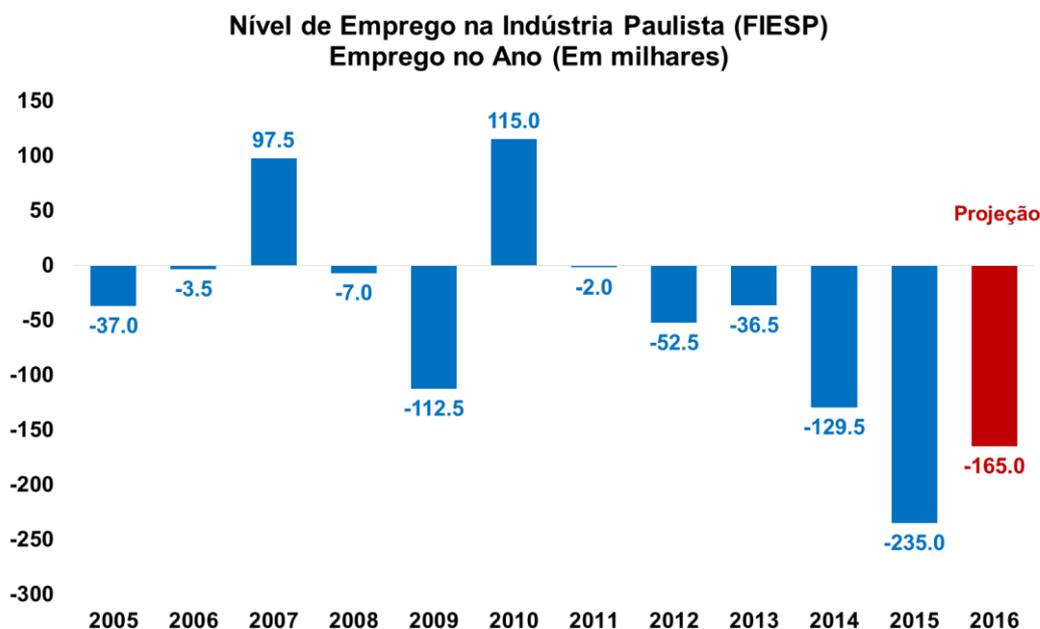


Fonte: IBGE

O nível de emprego da Indústria de Transformação paulista também vem apresentando profunda deterioração. Segundo a Fiesp, em 2015 a Indústria paulista demitiu 235 mil trabalhadores, superando o patamar do ano de 2014, quando foram fechados 129,5 mil postos de trabalho. Para 2016 a nossa projeção é

² A taxa de desemprego refere-se a PNAD-Contínua do IBGE.

que ocorram 165 mil demissões no setor no estado de São Paulo. Se essa projeção para 2016 se concretizar, a Indústria de São Paulo terá demitido 620 mil trabalhadores entre 2011 e 2016.



Fonte: FIESP

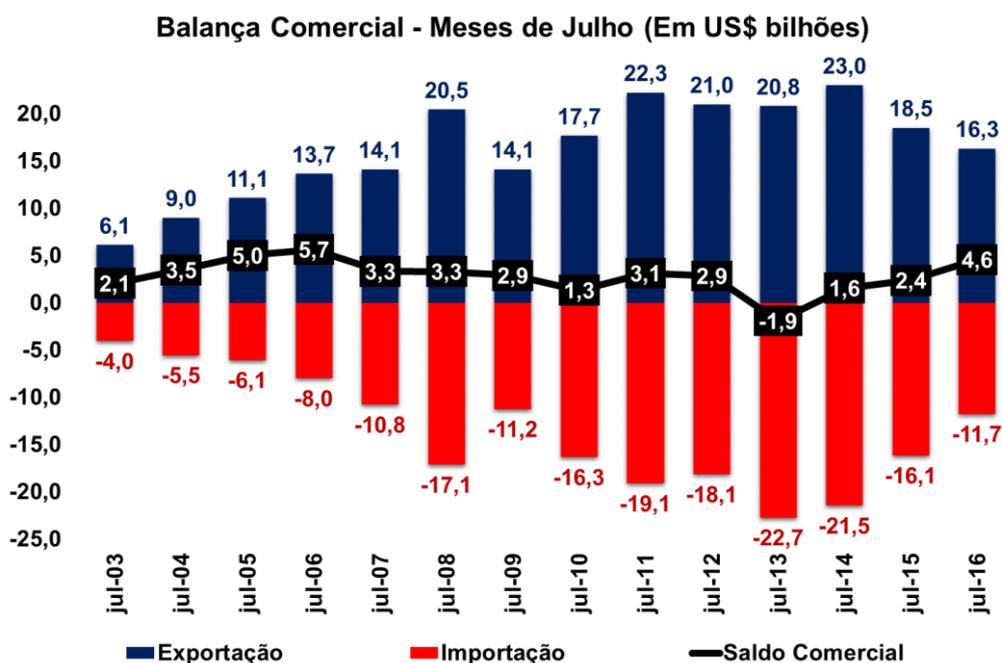
Em suma, resultados recentes de um conjunto amplo de indicadores apontam para acomodação do quadro recessivo da atividade econômica. Sondagens da indústria e do consumidor exibem índices de confiança em processo de recuperação. A produção industrial, após um extenso período de contração mostra reversão de tendência nos últimos meses. Entretanto, diante da acentuada deterioração dos fundamentos econômicos, com destaque para o aumento da taxa de desemprego, além da elevada incerteza que predominou no cenário econômico, o PIB deverá sofrer novo recuo em 2016, configurando dois anos de recessão no país, e dessa forma, caracterizando a mais profunda e longa das recessões da economia brasileira.

2. Comércio Exterior

2.1. Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação

JULHO DE 2016

Em julho de 2016, a balança comercial brasileira atingiu US\$ 4,6 bilhões. As exportações somaram US\$ 16,3 bilhões, uma média diária³ de US\$ 777,3 milhões. Enquanto as importações brasileiras totalizaram US\$ 11,7 bilhões, ou seja, uma média de US\$ 558,3 milhões por dia útil.

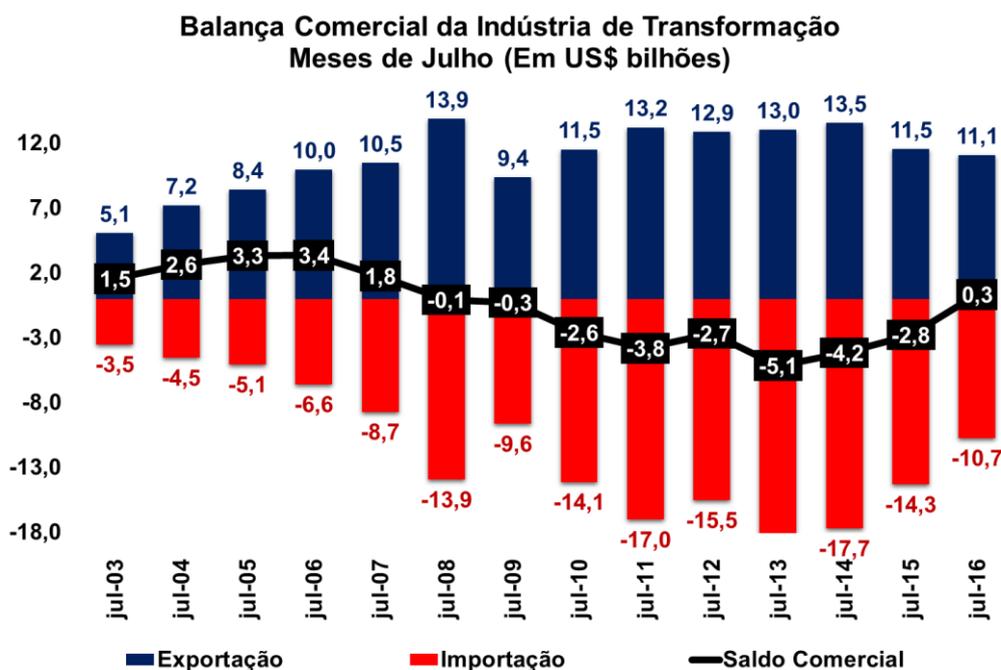


Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Na comparação com a média diária de julho de 2015, houve uma queda de 3,5% das exportações totais (quando registrou US\$ 805,8 milhões) e uma retração de 20,3% das importações totais (quando registrou US\$ 702 milhões).

³ O controle de média diária é para garantir o mesmo número de dias úteis nos meses analisados.

A balança comercial da Indústria de Transformação apresentou um superávit de US\$ 0,3 bilhão no mês de julho. As exportações registraram US\$ 11,1 bilhões, com uma média diária de US\$ 526,9 milhões. Já as importações totalizaram US\$ 10,7 bilhões, com uma média diária de US\$ 510,9 milhões.

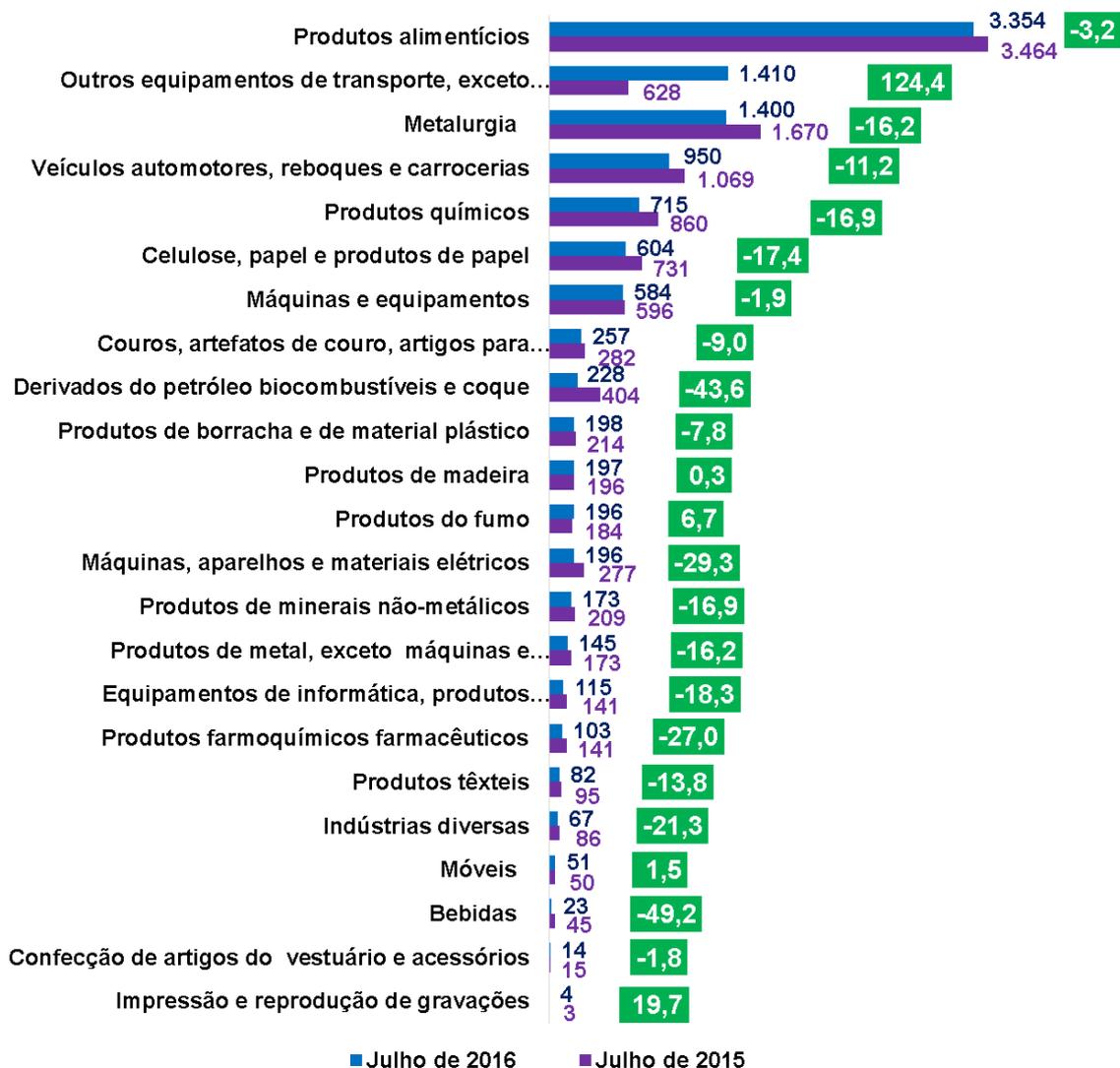


Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derox - FIESP

Em relação à média diária interanual, as exportações da Indústria de Transformação cresceram 5,1% (quando registraram US\$ 501,4 milhões no mesmo mês do ano anterior) e as importações caíram 17,9% (registraram US\$ 622,5 milhões em julho de 2015).

Analisando os dados desagregados da Indústria de Transformação, 5 setores apresentaram aumento das exportações na comparação interanual, com destaque positivo para outros equipamentos de transporte (+124,4%); impressões e reproduções de gravações (+19,7%); e fumo (+6,7%). Dentre as 18 quedas na mesma base de comparação, as retrações mais acentuadas ocorreram nos seguintes setores: bebidas (-49,2%); derivados de petróleo e biocombustíveis (-43,6%); e máquinas e materiais elétricos (-29,3%).

Exportações por setores da Indústria de Transformação Julho de 2015 e Julho de 2016 (Em US\$ milhões)



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Drex - FIESP

Na comparação interanual, apenas 3 setores da Indústria de Transformação apresentaram crescimento das importações: fumo (+53,5%); bebidas (+17,8%); e derivados de petróleo e biocombustíveis (+12,8%). Enquanto ocorreram quedas em 20 setores, com destaque para vestuário (-58,0%); outros equipamentos de transporte (-57,9%); e couro e calçados (-48,3%).

Importações por setores da Indústria de Transformação Julho de 2015 e Julho de 2016 (Em US\$ milhões)

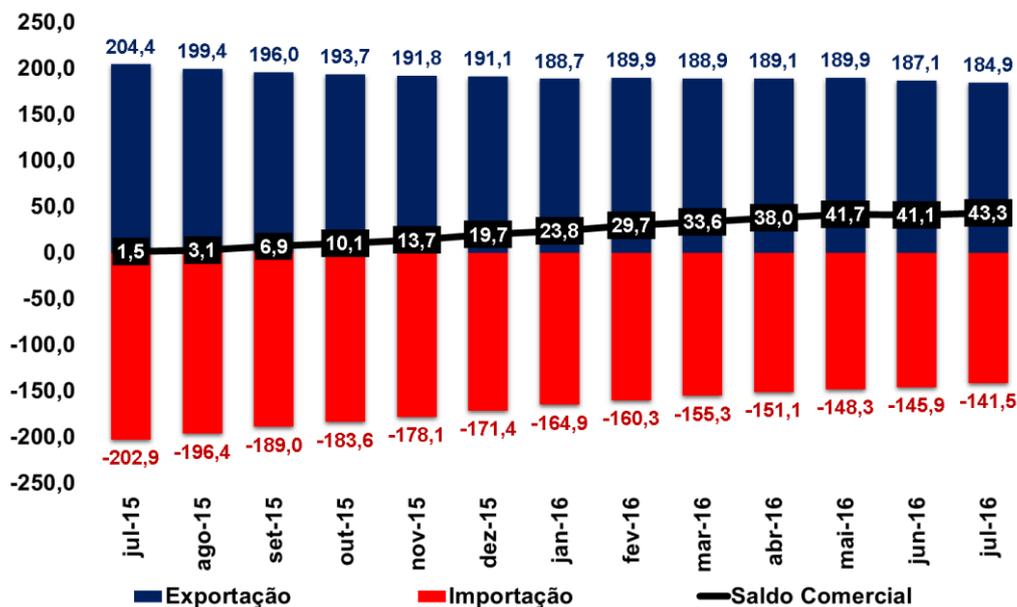


Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

ACUMULADO 12 MESES

Com o intuito de amenizar os efeitos de volatilidade será feita uma análise no acumulado em 12 meses. Nessa base de comparação, as exportações totais somaram US\$ 184,9 bilhões, 9,6% abaixo do registrado para o período finalizado em julho de 2015 (US\$ 204,4 bilhões). Enquanto as importações totalizaram US\$ 141,5 bilhões, queda de 30,2% na comparação interanual (US\$ 202,9 bilhões). O saldo comercial no acumulado 12 meses encerrado em julho de 2016 apresentou um superávit de US\$ 43,3 bilhões, ante um acumulado de US\$ 1,5 bilhão em julho de 2015.

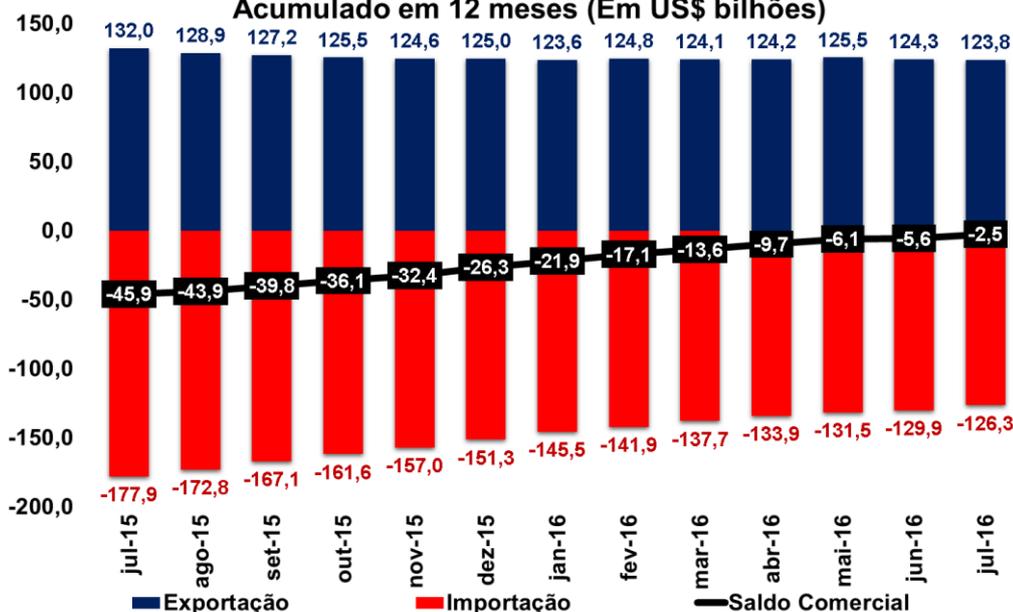
Saldo Comercial - Acumulado 12 meses (Em US\$ bilhões)



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Analisando a Indústria de Transformação, o déficit da balança comercial diminuiu e passou de US\$ 5,6 bilhões no acumulado em 12 meses encerrados em junho para um déficit de US\$ 2,5 bilhões em julho. Em comparação com julho do ano precedente, o déficit do saldo diminuiu drasticamente, pois o acumulado em 12 meses registrava US\$ 45,9 bilhões.

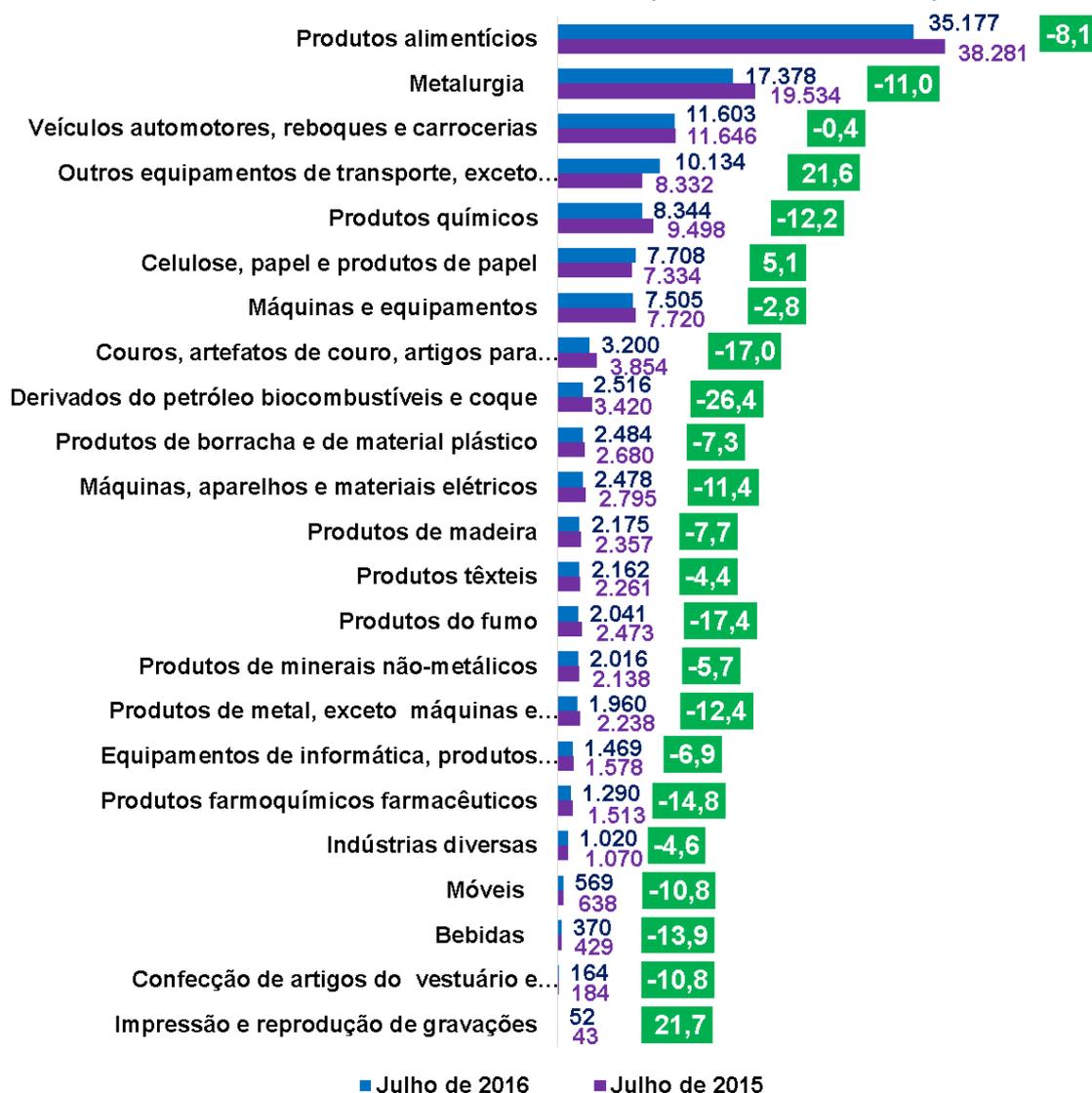
**Balança Comercial da Indústria de Transformação
Acumulado em 12 meses (Em US\$ bilhões)**



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

As exportações sofreram queda em 20 setores da IT, com destaque para derivados de petróleo e biocombustíveis (-26,4%); produtos do fumo (-17,4%); e couro e calçados (-17,0%). Por outro lado, 3 setores mostraram crescimento: impressão e reprodução de gravações (+21,7%); outros equipamentos de transporte (+21,6%); e celulose e papel (+5,1%). O gráfico abaixo apresenta as exportações setoriais acumuladas em 12 meses encerradas em julho de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

Exportações por setores da Indústria de Transformação Acumulado 12 meses (Em US\$ milhões)



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

As importações sofreram queda em 22 setores da Indústria de Transformação, com destaque para derivados de petróleo e de biocombustíveis (-51,0%); metalurgia (-41,6%); e vestuário (-38,2). Enquanto houve crescimento apenas das importações de fumo (+15,7%). A seguir, o gráfico abaixo apresenta as importações setoriais acumuladas em 12 meses encerradas em junho de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

Importações por setores da Indústria de Transformação Acumulado 12 meses (Em US\$ milhões)



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

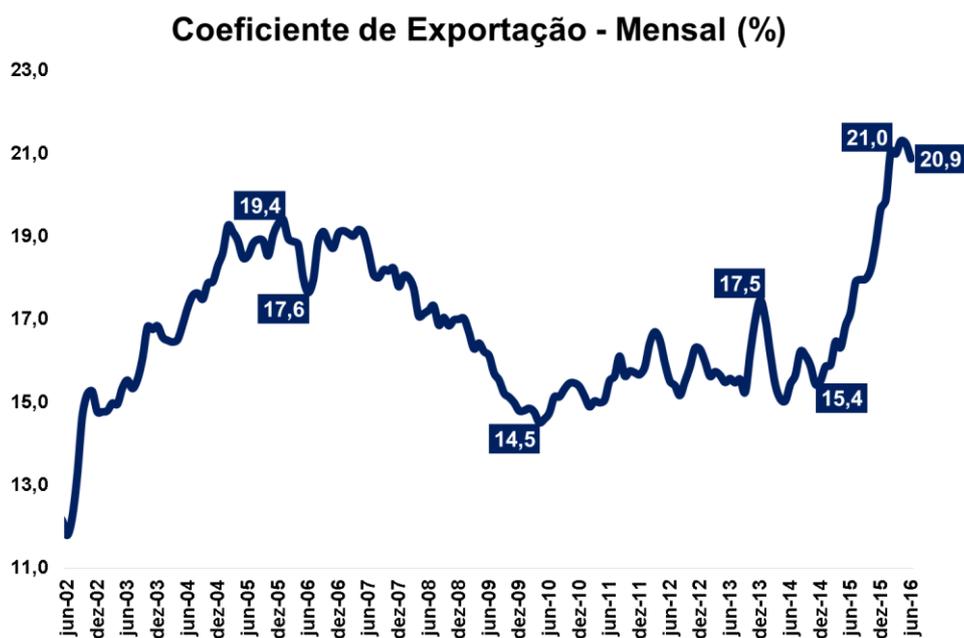
2.1. Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação

Os coeficientes de exportação e de importação tem como objetivo analisar de forma integrada a produção industrial e o comércio exterior. O Coeficiente de Exportação (CE) mede a proporção da produção que é exportada, enquanto o Coeficiente de Importação (CI) mede a proporção dos produtos consumidos internamente que é importada. É importante ressaltar que produtos consumidos internamente é conhecido como consumo aparente e resulta da diferença entre produção e exportação e adiciona as importações.

Apesar da frequência mensal, os Coeficientes de Exportação e de Importação são médias móveis trimestrais (utilizando série livres de influências sazonais) para amenizar o efeito da forte volatilidade. Por isso, os dados do trimestre finalizado em maio de 2016 são analisados em relação aos três meses precedentes (dezembro, janeiro e fevereiro).

2º TRIMESTRE DE 2016

O Coeficiente de Exportação da Indústria de Transformação atingiu 20,9% no 2º trimestre de 2016, frente a 21,0% no acumulado dos 3 meses anteriores. Na comparação trimestral o CE apresentou uma ligeira retração de 0,1 p.p..



Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Analisando as variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação, as exportações (em *quantum*) apresentaram ligeiro crescimento de 0,5% na passagem do 1º trimestre para o 2º trimestre, enquanto a produção industrial expandiu 1,1%.

**Variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação
1º Tri.2016 x 2º Tri.2016 (Em %)**



Fonte: FUNCEX e IBGE. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Na análise setorial da Indústria de Transformação, 10 setores apresentaram crescimento do CE do 2º trimestre frente aos três meses anteriores; 2 setores permaneceram constantes (vestuário e produtos de madeira); e outros 9 registraram quedas. Os destaques positivos ocorreram em: produtos de fumo (+3,6 p.p.); indústrias diversas (+1,9 p.p.); e produtos farmoquímicos e farmacêuticos (+1,3 p.p.). Por sua vez, as maiores retrações ocorreram em têxteis (-7,4 p.p.); artefatos de couro e calçados (-2,1 p.p.); e produtos alimentícios (-2,1 p.p.).

Coeficiente de Exportação Mensal (Em %)

Coeficiente de Exportação	1ºTri. 2016	2ºTri. 2016	1ºTri. 2016 x 2ºTri. 2016 (Em p.p.)
Indústria de Transformação	21,0	20,9	-0,1
Produtos do fumo	59,3	62,9	3,6
Indústrias diversas	12,5	14,4	1,9
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	9,8	11,1	1,3
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	8,8	9,7	0,9
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	8,8	9,3	0,5
Móveis	7,0	7,5	0,5
Celulose, papel e produtos de papel	33,4	33,9	0,5
Veículos automotores, reboques e carrocerias	24,4	24,6	0,2
Metalurgia	48,3	48,5	0,2
Produtos de minerais não-metálicos	9,3	9,4	0,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,2	1,2	0,0
Produtos de madeira	31,7	31,7	0,0
Produtos químicos	13,3	13,0	-0,3
Bebidas	2,0	1,5	-0,5
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	7,6	7,1	-0,5
Produtos de borracha e de material plástico	10,2	9,3	-0,9
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	13,4	12,5	-0,9
Máquinas e equipamentos	25,3	23,8	-1,5
Produtos alimentícios	25,9	23,8	-2,1
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	32,2	30,1	-2,1
Produtos têxteis	27,1	19,7	-7,4

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

As principais variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação por setor podem ser observadas na tabela a seguir.

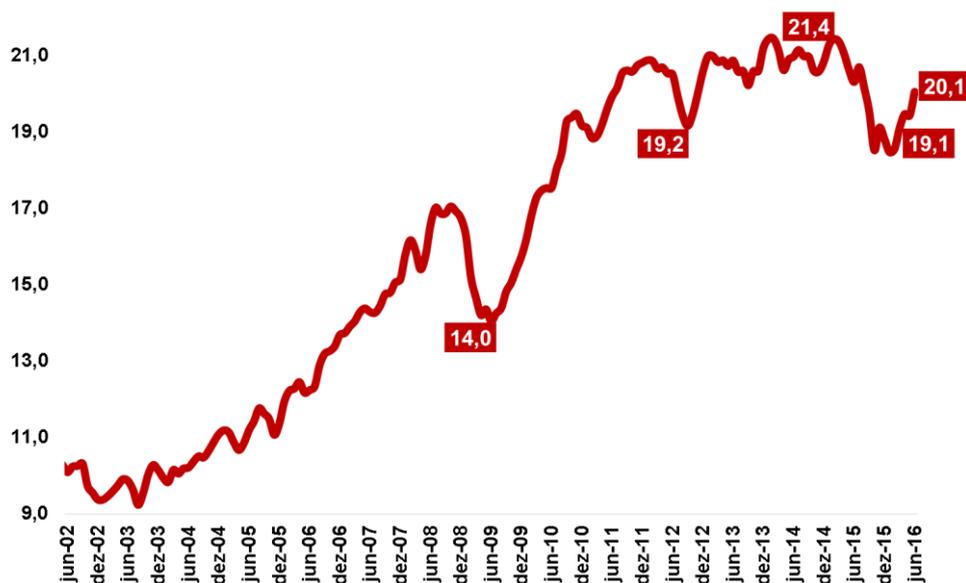
Variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação: 1ºTri. 2016 x 2ºTri. 2016

	Produção Industrial Mensal (PIM-PF)	Exportações (quantum)	Coeficiente de Exportação (Em p.p.)
Indústria de Transformação	1,1	0,5	-0,1
Produtos do fumo	-23,6	-19,1	3,6
Indústrias diversas	-2,7	12,5	1,9
Produtos farmacêuticos	-4,1	7,9	1,3
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-1,7	9,1	0,9
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	-5,5	0,1	0,5
Móveis	-6,3	0,1	0,5
Celulose, papel e produtos de papel	1,9	3,2	0,5
Veículos automotores, reboques e carrocerias	0,9	2,0	0,2
Metalurgia	0,0	0,3	0,2
Produtos de minerais não-metálicos	0,0	0,7	0,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-1,9	-3,9	0,0
Produtos de madeira	3,0	2,8	0,0
Produtos químicos	1,4	-0,1	-0,3
Bebidas	4,1	-20,9	-0,5
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	2,1	-5,2	-0,5
Produtos de borracha e de material plástico	1,9	-6,9	-0,9
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	4,5	-2,4	-0,9
Máquinas e equipamentos	6,8	0,7	-1,5
Produtos alimentícios	4,0	-4,3	-2,1
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	2,1	-4,6	-2,1
Produtos têxteis	2,8	-25,2	-7,4

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

O Coeficiente de Importação da Indústria de Transformação subiu para 20,1% no 2º trimestre ante 19,1% no período imediatamente anterior, resultando em um aumento de 1,0 p.p.. Contudo, o CI apresentou um nível semelhante ao mesmo período de 2015, quando o coeficiente era 20,3%.

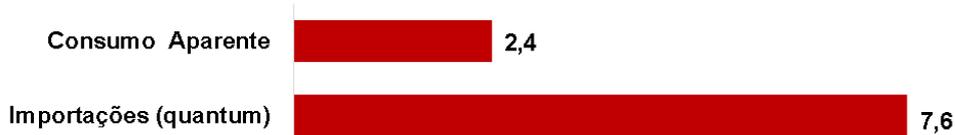
Coeficiente de Importação - Mensal (%)



Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

O crescimento do Coeficiente de Importação no trimestre finalizado em junho é explicado pela expansão de 7,6% das importações (em quantum), acompanhada de um aumento de 2,4% no consumo aparente.

Variáveis que compõe o Coeficiente de Importação 1º Tri.2016 x 2º Tri.2016 (Em %)



Fonte: FUNCEX e IBGE. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Dentre os 21 setores analisados, 12 apresentaram crescimento no CI no 2º trimestre frente aos três meses precedentes; as maiores expansões ocorreram nos setores de derivados de petróleo (+4,9 p.p.); máquinas e equipamentos (+4,4 p.p.); e produtos de fumo (+2,1 p.p.). Enquanto 9 setores apresentaram contrações, sendo as mais significativas nos setores de farmoquímicos e farmacêuticos (-2,6 p.p.); artefatos de couro e calçados (-0,8 p.p.); e produtos têxteis (-0,5 p.p.). Os resultados podem ser observados na tabela abaixo.

Coeficiente de Importação Mensal (Em %)

Coeficiente de Importação	1ºTri. 2016	2ºTri. 2016	1ºTri. 2016 x 2ºTri. 2016 (Em p.p.)
Indústria de Transformação	19,1	20,1	1,0
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	19,7	24,6	4,9
Máquinas e equipamentos	34,4	38,8	4,4
Produtos do fumo	1,7	3,8	2,1
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	25,2	27,2	2,0
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	46,0	47,7	1,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	10,9	11,9	1,0
Produtos químicos	29,6	30,5	0,9
Móveis	4,2	4,9	0,7
Indústrias diversas	32,8	33,1	0,3
Produtos de borracha e de material plástico	12,5	12,8	0,3
Metalurgia	18,7	18,9	0,2
Produtos alimentícios	4,2	4,3	0,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	8,1	8,0	-0,1
Veículos automotores, reboques e carrocerias	22,0	21,9	-0,1
Bebidas	4,5	4,3	-0,2
Produtos de minerais não-metálicos	4,2	4,0	-0,2
Produtos de madeira	1,8	1,4	-0,4
Celulose, papel e produtos de papel	6,2	5,8	-0,4
Produtos têxteis	18,2	17,7	-0,5
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	7,5	6,7	-0,8
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	48,0	45,4	-2,6

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Por fim, as principais variáveis do Coeficiente de Importação por setor podem ser observadas na tabela seguir.

Variáveis que compõe o Coeficiente de Importação: 1ºTri. 2016 x 2ºTri. 2016

	Consumo Aparente	Importações (quantum)	Coeficiente de Importação (Em p.p.)
Indústria de Transformação	2,4	7,6	1,0
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	-0,1	24,4	4,9
Máquinas e equipamentos	16,6	31,5	4,4
Produtos do fumo	-28,8	58,3	2,1
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	8,5	17,2	2,0
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	6,0	10,0	1,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-1,7	6,9	1,0
Produtos químicos	3,0	6,1	0,9
Móveis	-6,2	7,8	0,7
Indústrias diversas	-4,4	-3,6	0,3
Produtos de borracha e de material plástico	3,2	5,5	0,3
Metalurgia	-0,2	0,7	0,2
Produtos alimentícios	7,1	10,4	0,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-2,0	-2,8	-0,1
Veículos automotores, reboques e carrocerias	0,4	-0,1	-0,1
Bebidas	4,4	1,3	-0,2
Produtos de minerais não-metálicos	-0,2	-4,6	-0,2
Produtos de madeira	2,7	-19,4	-0,4
Celulose, papel e produtos de papel	0,8	-5,6	-0,4
Produtos têxteis	12,5	9,3	-0,5
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	4,3	-7,2	-0,8
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	-9,9	-14,7	-2,6

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

3. Exportações, Importações e Balança Comercial dos Produtos do SIMEFRE

Os dados a seguir visam a apresentar dados de comércio exterior para os produtos do SIMEFRE. A partir dos NCM's representados pelo sindicato, levantamos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) de exportações, importações e balança comercial. Os NCM's considerados foram os seguintes:

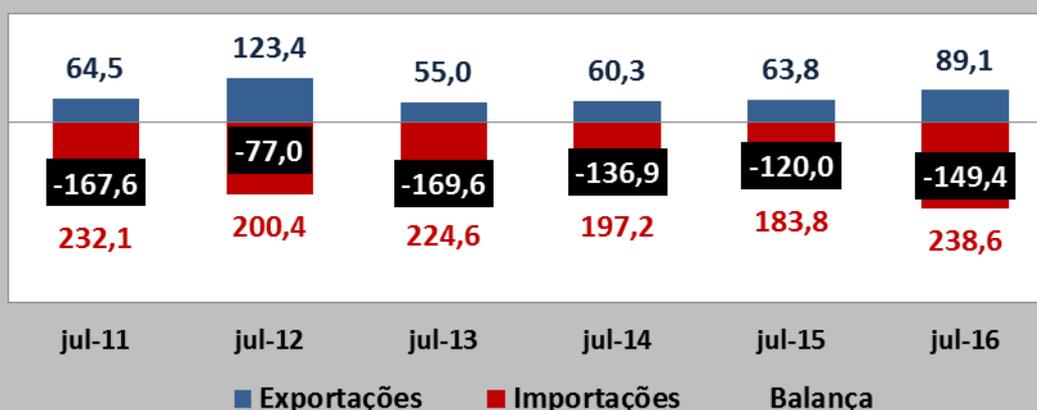
- SIMEFRE – Departamento Ferroviário (DF): 68109900; 73021010; 73021090; 73023000; 73024000; 73029000; 84798999; 84811000; 84812090; 84813000; 84814000; 84818099; 84819090; 84829119; 85013310; 85013411; 85301010; 85301090; 85309000; 86011000; 86012000; 86021000; 86029000; 86031000; 86039000; 86040000; 86050010; 86050090; 86061000; 86063000; 86069100; 86069200; 86069900; 86071110; 86071120; 86071200; 86071911; 86071919; 86071990; 86072100; 86072900; 86073000; 86079100; 86079900; 86080011; 86080012; 86080090; 86090000.
- SIMEFRE – Departamento Rodoviário (DR): 84143091; 84143099; 84152010; 87021000; 87029010; 87041000; 87042390; 87051000; 87053000; 87079010; 87079090; 87086090; 87091900; 87161000; 87162000; 87163100; 87163900; 87164000; 87168000; 87169010; 87169090.
- SIMEFRE – Departamento de Veículos de Duas Rodas (DV2R): 40114000; 40115000; 40132000; 40139000; 73151100; 87111000; 87112010; 87112020; 87112090; 87113000; 87114000; 87115000; 87119000; 87120010; 87120090; 87141000; 87149100; 87149200; 87149310; 87149320; 87149410; 87149490; 87149500; 87149600; 87149910; 87149990.

SIMEFRE – Departamento Ferroviário

No mês de julho, o saldo da balança comercial dos produtos do DF foi um déficit de US\$ 149,4 milhões, resultado pior do que o déficit de US\$ 120,0 milhões em julho de 2015.

As exportações dos produtos do DF atingiram US\$ 89,1 milhões em julho deste ano, um aumento de 40% em relação a julho de 2015. As importações dos produtos do DF, por sua vez, atingiram US\$ 238,6 milhões em julho de 2016, 30% superiores às de julho de 2015.

Exportações, Importações e Saldo da Balança Comercial Meses de Julho em US\$ milhões NCM's SIMEFRE - Departamento Ferroviário



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos exportados em julho deste ano.

Exportações Produtos Departamento Ferroviário – Mês de Julho (em US\$ milhões)

Produto	Julho/2016		Julho/2015		Variação 2016/2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Torneiras, e dispositivos semelhantes, para canalizações	48,8	54,8%	42,6	66,7%	14,6%
Litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04, de fonte externa de eletricidade	11,0	12,4%	0,0	0,0%	-
Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	7,8	8,8%	5,8	9,0%	35,9%
Demais produtos	21,5	24,1%	15,5	24,3%	38,7%
TOTAL	89,1	-	63,8	-	39,7%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos importados em julho deste ano.

Importações Produtos Departamento Ferroviário – Mês de Julho (em US\$ milhões)

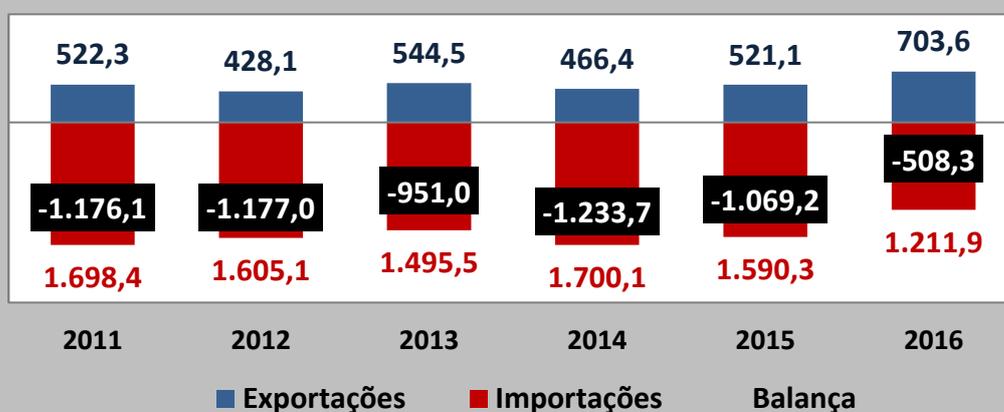
Produto	Julho/2016		Julho/2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	132,8	55,7%	45,0	24,5%	195,3%
Outras partes de veículos para vias férreas	15,4	6,5%	5,0	2,7%	209,0%
Partes de torneiras, outros dispositivos para canalizações, etc.	12,2	5,1%	17,0	9,2%	-27,8%
Demais produtos	78,1	32,7%	116,9	63,6%	-33,2%
TOTAL	238,6	-	183,8	-	29,8%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

No acumulado de janeiro a julho, o saldo da balança comercial dos produtos do DF foi um déficit de US\$ 508,3 milhões, resultado melhor ante o déficit de US\$ 1,07 bilhão no acumulado no mesmo período de 2015.

As exportações dos produtos do DF atingiram US\$ 703,6 milhões no acumulado de janeiro a julho deste ano, 35% maiores que as do mesmo período de 2015. As importações dos produtos do DF, por sua vez, atingiram US\$ 1,2 bilhão no acumulado de janeiro a julho de 2016, 24% menores que as do mesmo período de 2015.

**Exportações, Importações e Saldo da Balança Comercial
Acumulado de Janeiro a Julho em US\$ milhões
NCM's SIMEFRE - Departamento Ferroviário**



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos exportados no acumulado de janeiro a julho deste ano.

Exportações Produtos Departamento Ferroviário – Acumulado de Janeiro a Julho (em US\$ milhões)

Produto	2016		2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Torneiras, e dispositivos semelhantes, para canalizações	353,1	50,2%	311,4	59,7%	13,4%
Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	111,2	15,8%	52,2	10,0%	112,9%
Litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04, de fonte externa de eletricidade	86,6	12,3%	3,9	0,8%	2112,6%
Demais produtos	152,7	21,7%	153,6	29,5%	-0,6%
TOTAL	703,6	-	521,1	-	35,0%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos importados no acumulado de janeiro a julho deste ano.

Importações Produtos Departamento Ferroviário – Acumulado de Janeiro a Julho (em US\$ milhões)

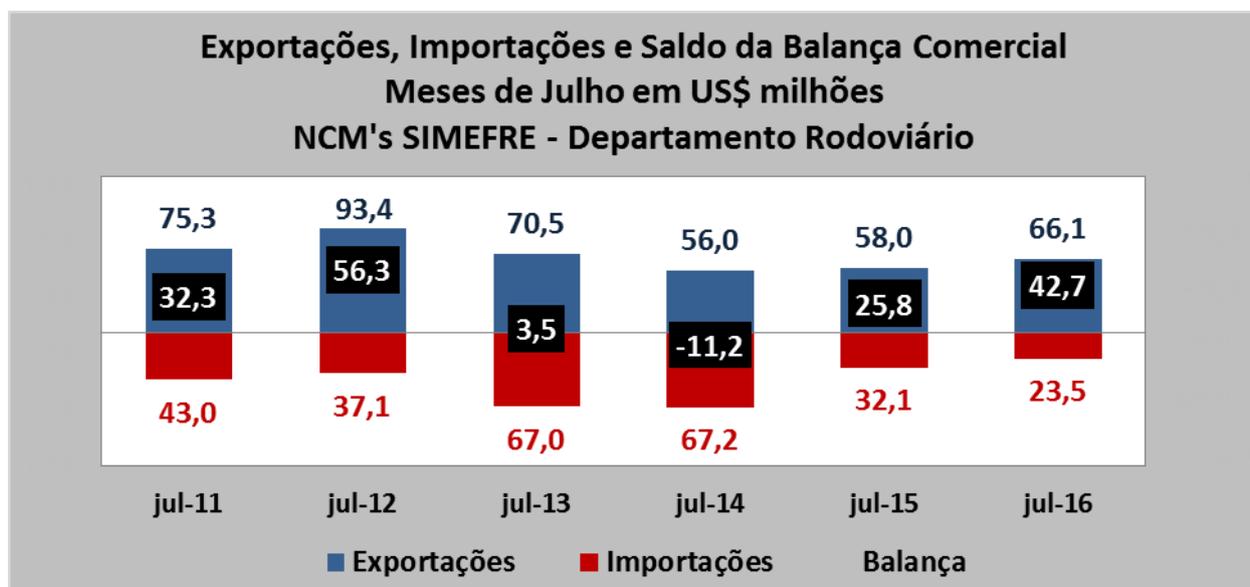
Produto	2016		2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	437,2	36,1%	384,7	24,2%	13,7%
Litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04, de fonte externa de eletricidade	88,3	7,3%	190,6	12,0%	-53,7%
Partes de torneiras, outros dispositivos para canalizações, etc.	84,3	7,0%	122,2	7,7%	-31,0%
Demais produtos	602,1	49,7%	892,8	56,1%	-32,6%
TOTAL	1.211,9	-	1.590,3	-	-23,8%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

SIMEFRE – Departamento Rodoviário

No mês de julho, o saldo da balança comercial dos produtos do DR foi um superávit em US\$ 42,7 milhões, superior ao superávit de julho de 2015, quando atingiu US\$ 25,8 milhões.

As exportações dos produtos do DR atingiram US\$ 66,1 milhões em julho deste ano, 14% maiores que as de julho de 2015. As importações dos produtos do DR, por sua vez, atingiram US\$ 23,5 milhões em julho de 2016, uma queda de 27% em relação a julho de 2015.



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos exportados em julho deste ano.

Exportações produtos do Departamento Rodoviário – Mês de Julho (em US\$ milhões)

Produto	Julho/2016		Julho/2015		Variação 2016/2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel)	34,5	52,2%	10,1	17,5%	240,3%
Carrocerias para veículos automóveis com capacidade de transporte => 10 pessoas, ou para carga	19,5	29,5%	34,9	60,2%	-44,1%
Outros reboques e semi-reboques para transporte de mercadorias	4,2	6,4%	6,1	10,5%	-31,0%
Demais produtos	7,9	11,9%	6,8	11,8%	15,6%
TOTAL	66,1	-	58,0	-	14,1%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos importados em julho deste ano.

Importações produtos do Departamento Rodoviário – Mês de Julho (em US\$ milhões)

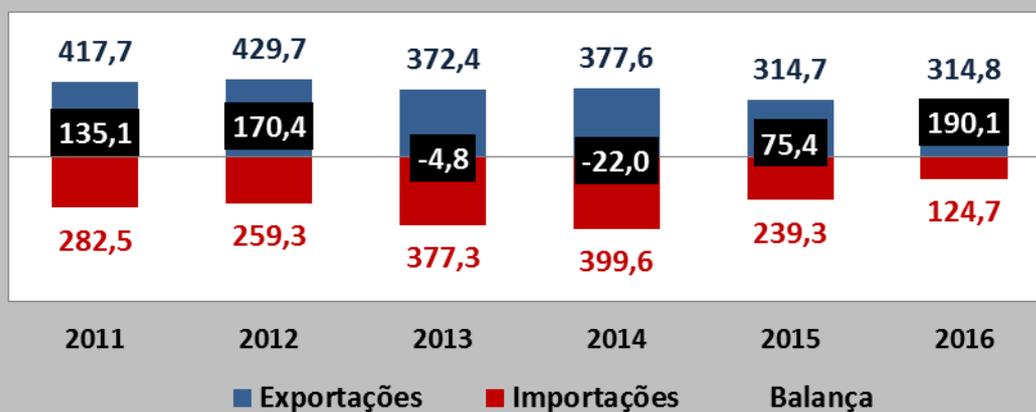
Produto	Julho/2016		Julho/2015		Variação 2016/2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Compressor para equipamento frigorífico, capacidade <= 16000 frigorias/hora	10,7	45,4%	9,4	29,4%	12,8%
Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel)	4,0	17,1%	9,7	30,1%	-58,6%
Carrocerias para "dumpers"/tratores, exceto rodoviário, inclusive cabina	2,8	11,8%	4,3	13,4%	-35,8%
Demais produtos	6,0	25,7%	8,7	27,1%	-30,7%
TOTAL	23,5	-	32,1	-	-27,0%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

No acumulado de janeiro a julho, o saldo da balança comercial dos produtos do DR foi um superávit de US\$ 190,1 milhões, superior ao superávit do mesmo período de 2015 (US\$ 75,4 milhões).

As exportações dos produtos do DR atingiram US\$ 314,8 milhões nos sete primeiros meses deste ano, praticamente iguais às do mesmo período de 2015. As importações dos produtos do DR, por sua vez, atingiram US\$ 124,7 milhões no acumulado do ano de 2016, 48% menores que as do mesmo período de 2015.

Exportações, Importações e Saldo da Balança Comercial Acumulado de Janeiro a Julho em US\$ milhões NCM's SIMEFRE - Departamento Rodoviário



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos exportados no acumulado de janeiro a julho deste ano.

Exportações produtos do Departamento Rodoviário – Acumulado de Janeiro a Julho (em US\$ milhões)

Produto	2016		2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel)	125,2	39,8%	99,7	31,7%	25,6%
Carrocerias para veículos automóveis com capacidade de transporte => 10 pessoas, ou para carga	108,7	34,5%	128,9	41,0%	-15,7%
Outros reboques e semi-reboques para transporte de mercadorias	31,6	10,0%	38,2	12,1%	-17,2%
Demais produtos	49,3	15,7%	47,9	15,2%	2,8%
TOTAL	314,8	-	314,7	-	0,0%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos importados no acumulado de janeiro a julho deste ano.

Importações produtos do Departamento Rodoviário – Acumulado de Janeiro a Julho (em US\$ milhões)

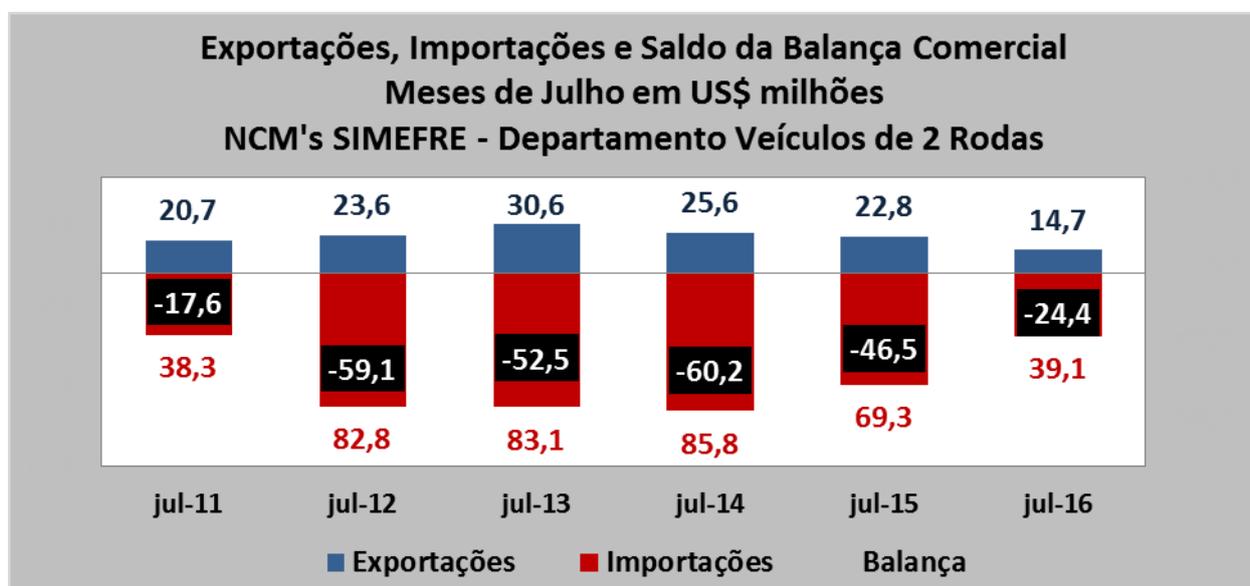
Produto	2016		2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Compressor para equipamento frigorífico, capacidade <= 16000 frigorias/hora	58,3	46,8%	62,4	26,1%	-6,6%
Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel)	17,3	13,9%	61,2	25,6%	-71,8%
Carrocerias para "dumpers"/tratores, exceto rodoviário, inclusive cabina	9,0	7,3%	19,8	8,3%	-54,4%
Demais produtos	40,1	32,1%	95,8	40,0%	-58,2%
TOTAL	124,7	-	239,3	-	-47,9%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

SIMEFRE – Departamento de Veículos de Duas Rodas (DV2R)

Quanto aos produtos do DV2R, a balança comercial apresentou saldo negativo de US\$ 24,4 milhões no mês de julho deste ano, inferior ao déficit de US\$ 46,5 milhões em julho de 2015.

As exportações dos produtos do DV2R atingiram US\$ 14,7 milhões em julho deste ano, 35% menores que as de julho de 2015. Por sua vez, as importações dos produtos do DV2R atingiram US\$ 39,1 milhões em julho de 2016, 44% inferiores às de julho de 2015.



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos exportados em julho deste ano.

Exportações produtos do Depto Veículos 2 Rodas – Mês de Julho (em US\$ milhões)

Produto	Julho/2016		Julho/2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada superior a 125 cm ³	6,4	43,6%	14,2	62,2%	-54,7%
Pneumáticos novos, de borracha, dos tipos utilizados em motocicletas	4,8	32,8%	5,6	24,4%	-13,1%
Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada inferior ou igual a 125 cm ³	1,7	11,5%	1,5	6,8%	9,9%
Demais produtos	1,8	12,0%	1,5	6,7%	16,1%
TOTAL	14,7	-	22,8	-	-35,4%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos importados em julho deste ano.

Importações produtos do Depto Veículos 2 Rodas – Mês de Julho (em US\$ milhões)

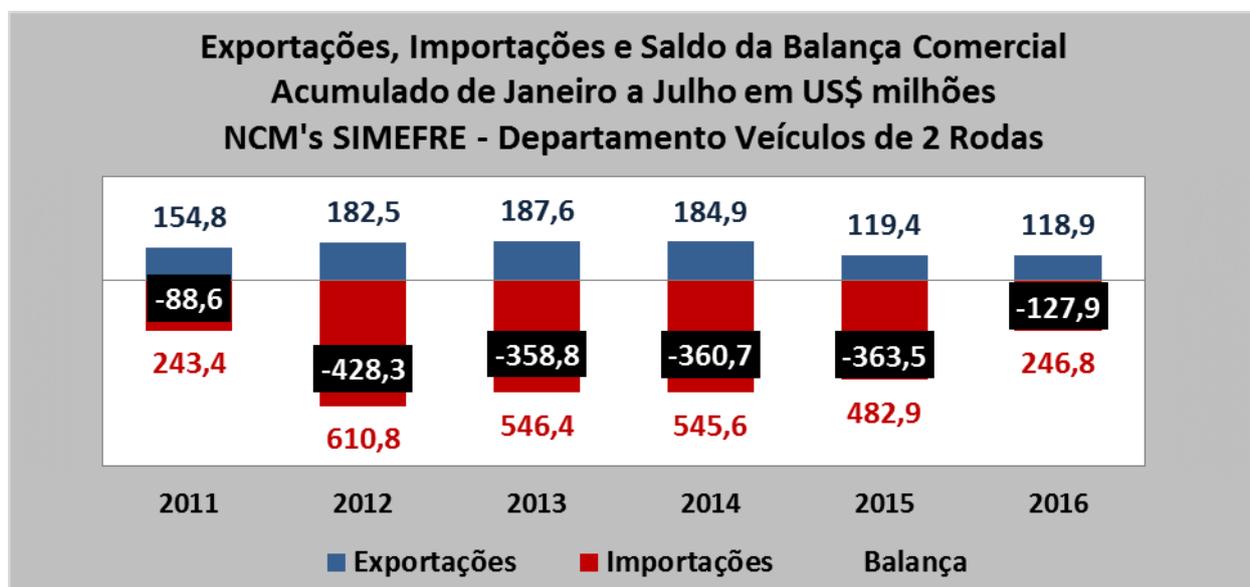
Produto	Julho/2016		Julho/2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Partes e acessórios de motocicletas (inclusive ciclomotores)	17,7	45,3%	34,4	49,7%	-48,6%
Outras partes e acessórios para bicicletas e outros ciclos	3,1	7,9%	1,4	2,0%	123,4%
Outras câmaras-de-ar de borracha	2,6	6,6%	5,0	7,2%	-48,3%
Demais produtos	15,7	40,2%	28,5	41,2%	-44,9%
TOTAL	39,1	-	69,3	-	-43,6%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

No acumulado de janeiro a julho de 2016, a balança comercial dos produtos do DV2R apresentou saldo negativo de US\$ 127,9 milhões, ante um déficit de US\$ 363,5 milhões no acumulado no mesmo período de 2015.

As exportações dos produtos do DV2R atingiram US\$ 118,9 milhões no acumulado de janeiro a julho deste ano, praticamente iguais às do mesmo período de 2015. As importações dos produtos do DV2R, por sua

vez, atingiram US\$ 246,8 milhões no acumulado de janeiro a julho de 2016, 49% menores que as do mesmo período de 2015.



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos exportados no acumulado de janeiro a julho deste ano.

Exportações produtos do Depto Veículos 2 Rodas – Acumulado de Janeiro a Julho (em US\$ milhões)

Produto	2016		2015		Variação 2016/2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Pneumáticos novos, de borracha, dos tipos utilizados em motocicletas	47,6	40,0%	53,2	44,6%	-10,5%
Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada superior a 125 cm ³	45,9	38,6%	43,5	36,5%	5,5%
Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada inferior ou igual a 125 cm ³	13,5	11,3%	5,1	4,3%	165,2%
Demais produtos	11,9	10,0%	17,6	14,7%	-32,5%
TOTAL	118,9	-	119,4	-	-0,4%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

A tabela abaixo mostra os principais produtos importados no acumulado de janeiro a julho deste ano.

Importações produtos do Depto Veículos 2 Rodas – Acumulado de Janeiro a Julho (em US\$ milhões)

Produto	2016		2015		Variação 2016/ 2015
	Valor	Particip. no Total	Valor	Particip. no Total	
Partes e acessórios de motocicletas (inclusive ciclomotores)	129,2	52,3%	255,1	52,8%	-49,4%
Outras partes e acessórios para bicicletas e outros ciclos	16,4	6,7%	10,3	2,1%	60,2%
Bicicletas sem motor	14,1	5,7%	23,8	4,9%	-40,7%
Demais produtos	87,1	35,3%	193,8	40,1%	-55,1%
TOTAL	246,8	-	482,9	-	-48,9%

Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon - FIESP

4. Produção Industrial Brasileira

MÊS DE JUNHO

A produção industrial brasileira cresceu 1,1% em junho em relação a maio na série com ajuste sazonal. A Indústria Extrativa Mineral teve uma queda de 0,4% no mês, enquanto a Indústria de Transformação apresentou crescimento de 1,3% em junho.

Entre os setores da Indústria de Transformação, 5 apresentaram queda e os demais apresentaram aumento no mês de junho em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais. Os destaques positivos no mês foram: Couro e calçados (10,8%); Vestuário (9,8%); e Veículos (8,4%). Por outro lado, Outros equipamentos de transporte (-2,6%), Bebidas (-2,6%) e Celulose e papel (-2,0%) foram os principais destaques negativos.



Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

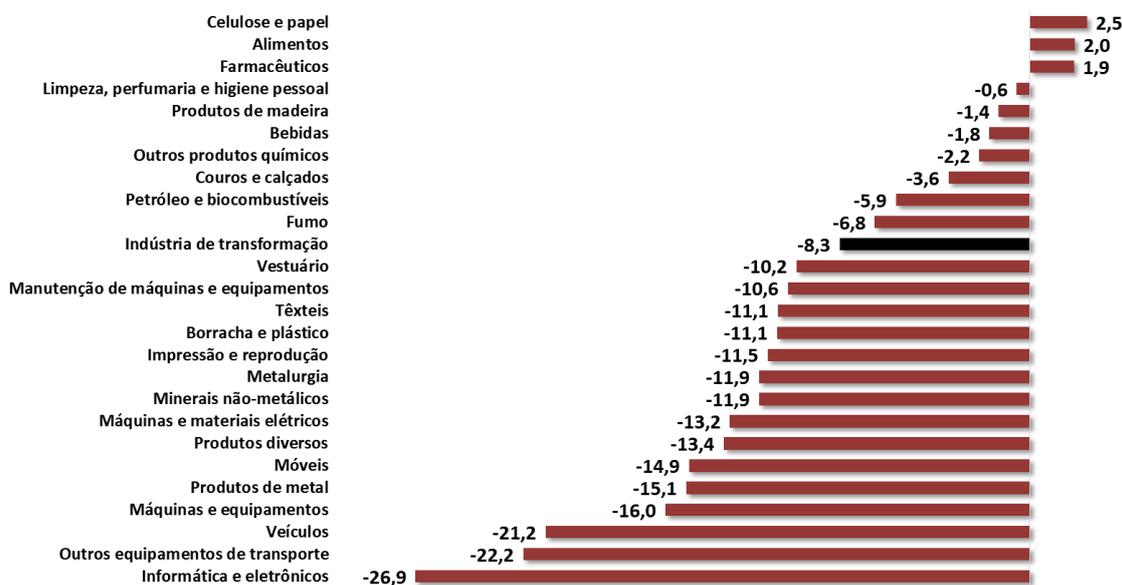
ANO DE 2016

No acumulado de janeiro a junho deste ano em relação ao mesmo período 2015, a produção industrial apresentou uma queda de 9,1%, com queda de 14,0% na Indústria Extrativa e queda de 8,3% na Indústria de Transformação.

Entre os setores da Indústria de Transformação, três apresentaram aumento e os demais apresentaram queda no acumulado de janeiro a junho de 2016. Os destaques negativos nesta comparação foram: Informática e eletrônicos (-26,9%); Outros equipamentos de transporte (-22,2%) e Veículos (-21,2%). Por outro lado, Celulose e papel (2,5%), Alimentos (2,0%) e Farmacêuticos (1,9%) foram os setores que apresentaram resultado positivo no acumulado do ano.

Produção Industrial - Brasil

Varição % Acumulada no Ano 2016 em relação a mesmo período de 2015



Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

ACUMULADO EM 12 MESES

No acumulado em doze meses até junho de 2016, a produção industrial brasileira apresentou uma queda 9,8%. O resultado foi influenciado por uma queda de 10,1% na Indústria de Transformação, enquanto a Indústria Extrativa Mineral caiu 7,9% no período.

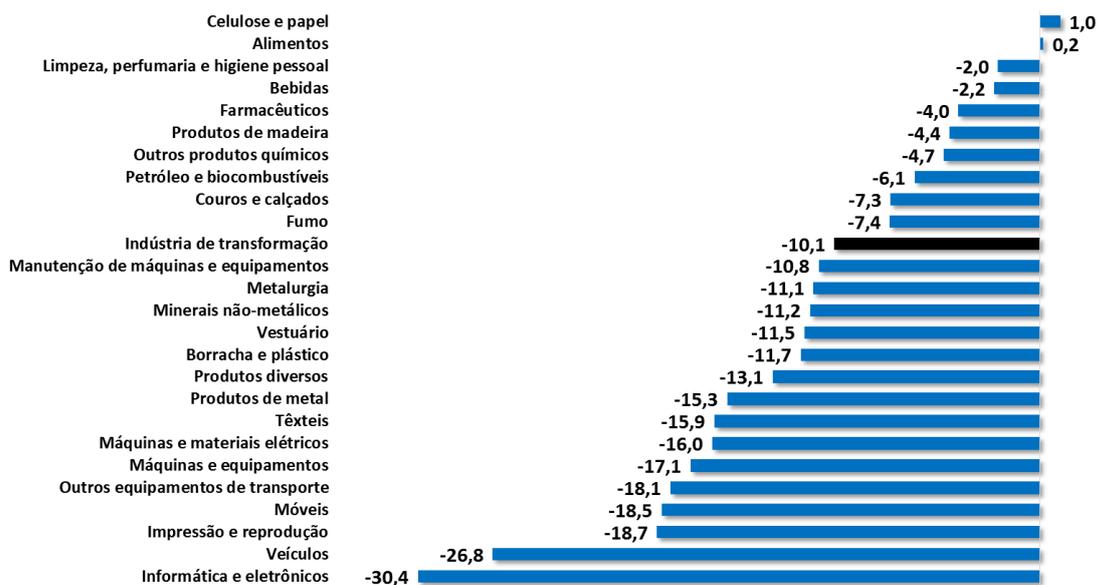
Produção da Indústria de Transformação - Brasil
Variação % acumulada em 12 meses



Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

Ainda no acumulado em 12 meses até junho de 2016, 23 setores da Indústria de Transformação apresentaram queda, enquanto Celulose e papel cresceu 1,0% e Alimentos cresceu 0,2%. Os destaques negativos foram: Informática e eletrônicos (30,4%); Veículos (-26,8%); Impressão e reprodução (-18,7%) e Móveis (-18,5%).

Produção Industrial - Brasil
Variação % Acumulada em 12 Meses até Junho/2016



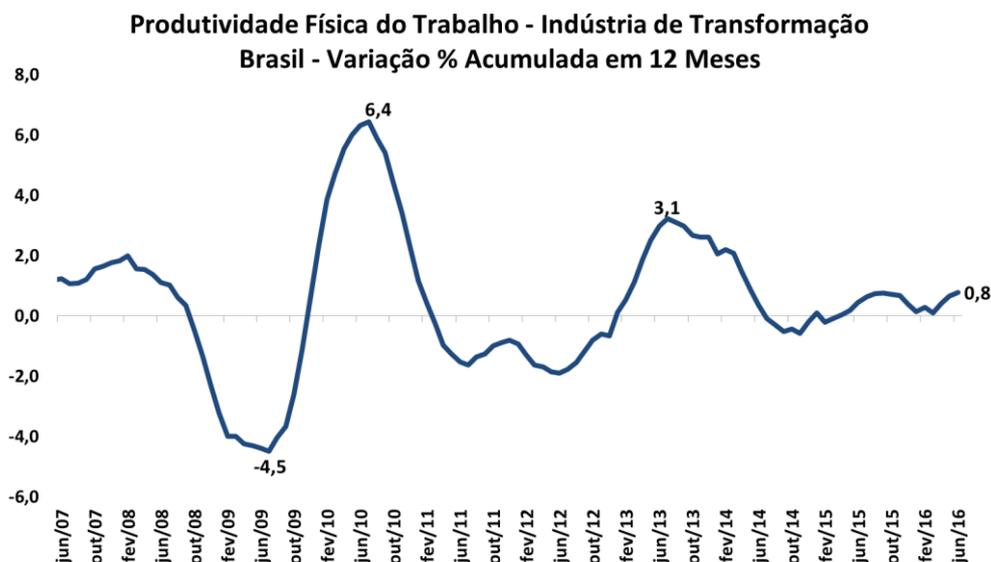
Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

5. Produtividade Física do Trabalho na Indústria de Transformação⁴

O indicador de produtividade física do trabalho é calculado mensalmente pelo Depecon/Fiesp a partir dos dados de Produção Física do IBGE e de Horas Trabalhadas na Produção da FIESP e da CNI. Ele mede a variação do quanto é produzido com cada hora de trabalho. Isso significa que, quando há aumento do indicador do indicador de produtividade, a indústria está produzindo mais produto com menos horas de trabalho.

A produtividade física do trabalho da Indústria de Transformação apresentou um aumento de 1,1% em junho de 2016, na comparação com maio, livre de influência sazonal. Este resultado decorreu do aumento de 1,3% da produção física e de 0,2% das horas trabalhadas na produção no mês.

Na variação acumulada em 12 meses até junho, a produção industrial apresentou queda de 10,1%, enquanto o número de horas trabalhadas na produção caiu 10,7% nesta comparação, resultando no aumento de 0,8% da produtividade acumulada em 12 meses até junho.

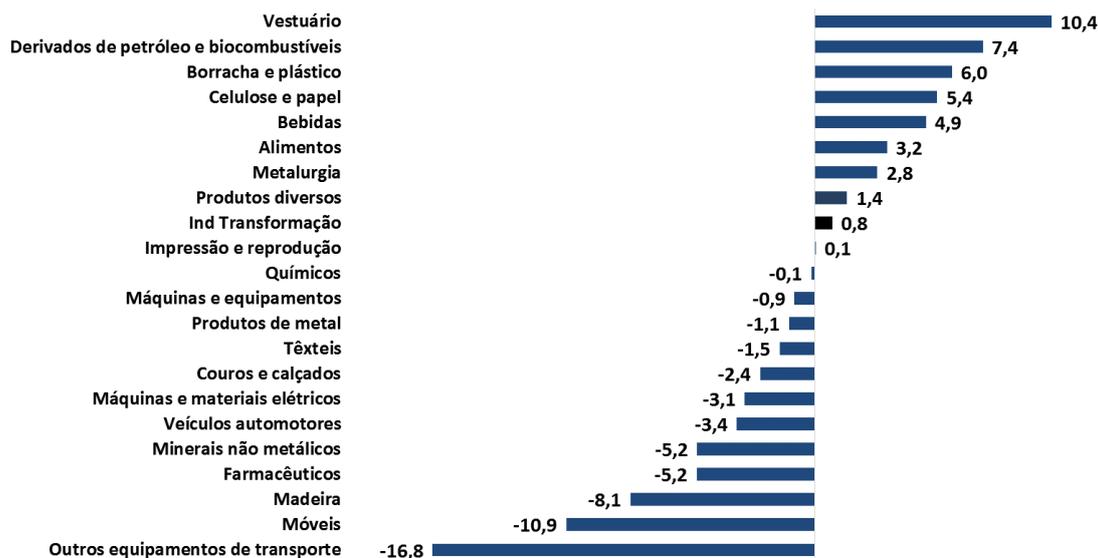


Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

⁴ A análise deste indicador com abertura também para o Estado de São Paulo é divulgada mensalmente pelo Depecon e está disponível no site da FIESP: <http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/produtividade-fisica-do-trabalho-na-industria-de-transformacao/>

Quanto aos setores da Indústria de Transformação, no acumulado em 12 meses até junho de 2016, nove setores apresentaram aumento da produtividade e 12 tiveram queda.

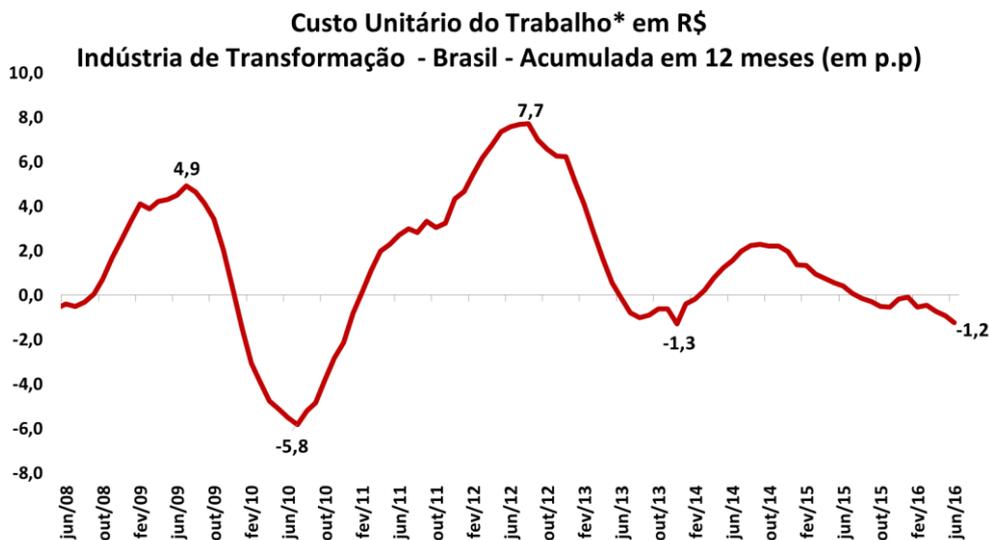
Produtividade Física do Trabalho
Brasil - Variação % Acumulada em 12 meses até Junho/2016



Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

A diferença entre a variação da remuneração mensal real e a variação da produtividade é chamada de Custo Unitário do Trabalho (CUT). Este indicador mede a variação do custo com trabalho em uma unidade de produto. Isso significa que, quando há queda do custo unitário do trabalho, ficou mais barato produzir uma unidade de produto, em termos de trabalho.

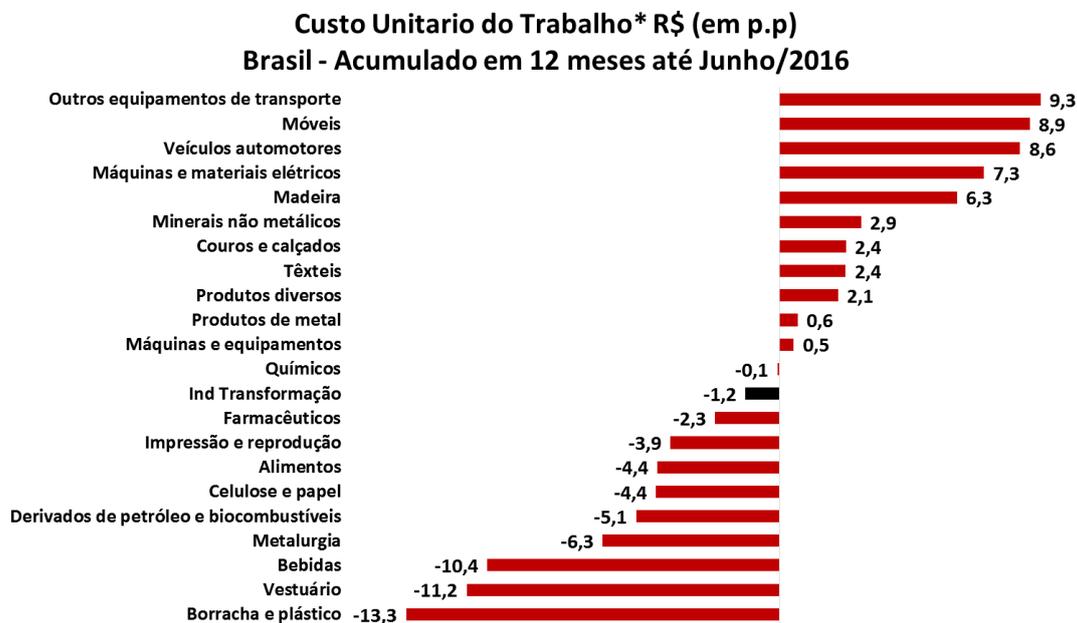
No acumulado nos últimos 12 meses, a produtividade física do trabalho da Indústria de Transformação cresceu 0,8% enquanto a remuneração real média em reais apresentou queda de 0,4%. Com isso, o Custo Unitário do Trabalho em reais caiu 1,2 p.p. neste período.



Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

* Diferencial entre a variação da remuneração real média e a variação da produtividade

Em 10 dos 21 setores da indústria de transformação, o aumento da remuneração real média em reais também foi menor que o aumento da produtividade, resultado em queda do custo unitário do trabalho.



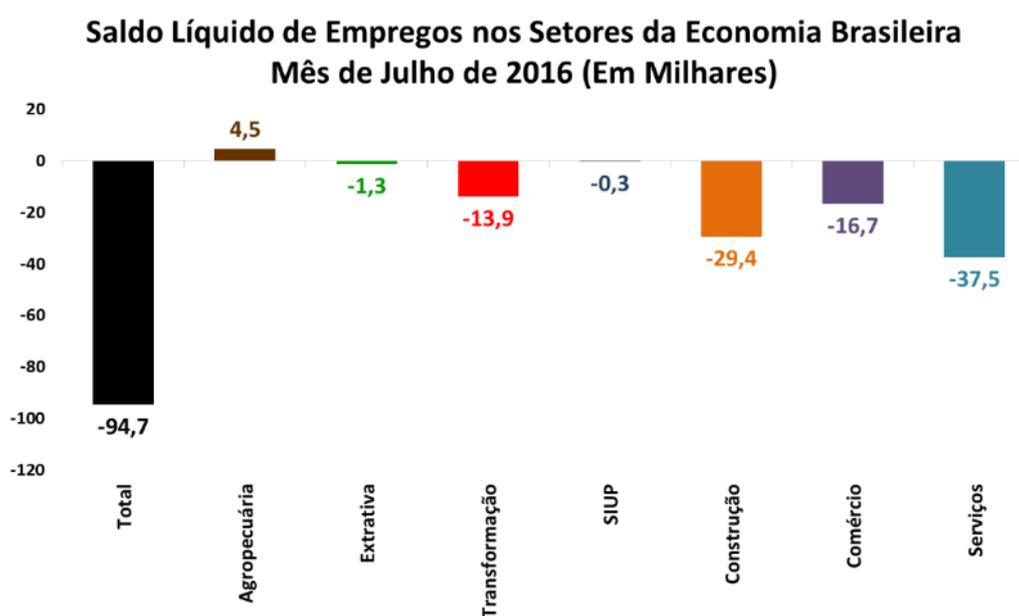
Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

* Diferencial entre a variação da remuneração real média e a variação da produtividade

6. Emprego na Indústria

MÊS DE JULHO

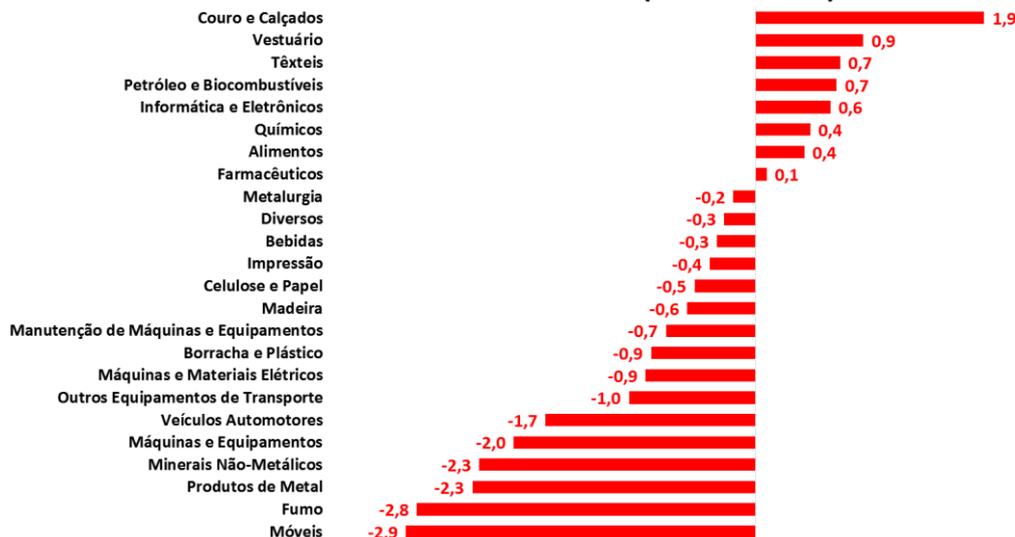
No Brasil, foram fechadas 94,7 mil vagas de empregos formais em julho de 2016 em todos os setores da economia brasileira. A principal influência negativa veio dos serviços, com o fechamento de 37,5 mil vagas no mês. A Indústria de Transformação também permanece em trajetória de queda do nível de emprego, fechando 13,9 mil vagas no mês de julho.



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no mês foram de móveis (-2,9 mil vagas), produtos do fumo (-2,8 mil vagas), produtos de metal (-2,3 mil vagas) e produtos de minerais não metálicos (-2,3 mil vagas). Por outro lado, o principal resultado positivo no mês foi do setor de couro e calçados (+1,9 mil vagas).

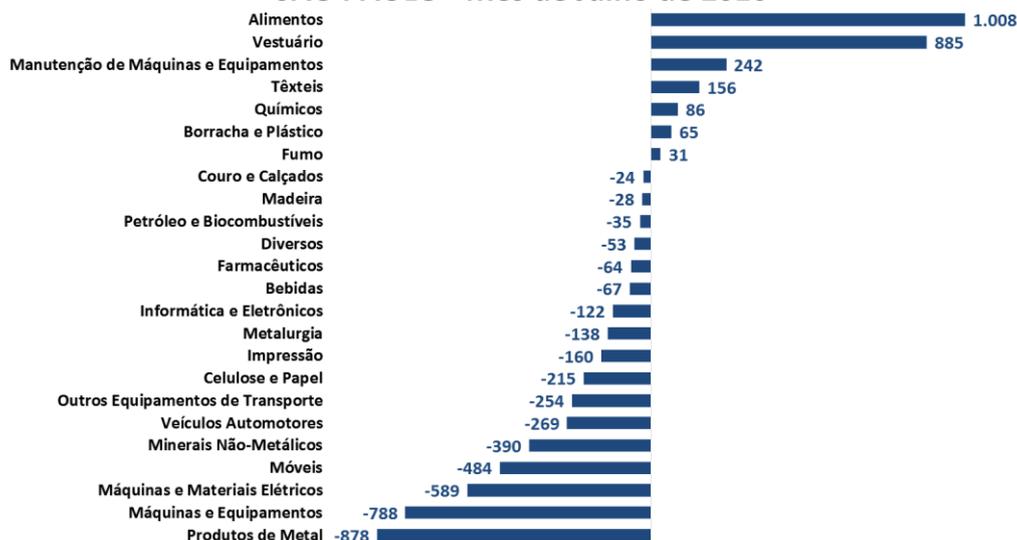
Saldo Líquido de Empregos Setores da Indústria de Transformação BRASIL - Mês de Julho de 2016 (Em Milhares)



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

No Estado de São Paulo, a Indústria de Transformação teve um saldo negativo de 2,1 mil vagas no mês de julho. Este resultado foi influenciado principalmente pelos setores de produtos de metal (-878 vagas), máquinas e equipamentos (-788 vagas) e máquinas e materiais elétrico (-589 vagas).

Saldo Líquido de Empregos Setores da Indústria de Transformação SÃO PAULO - Mês de Julho de 2016

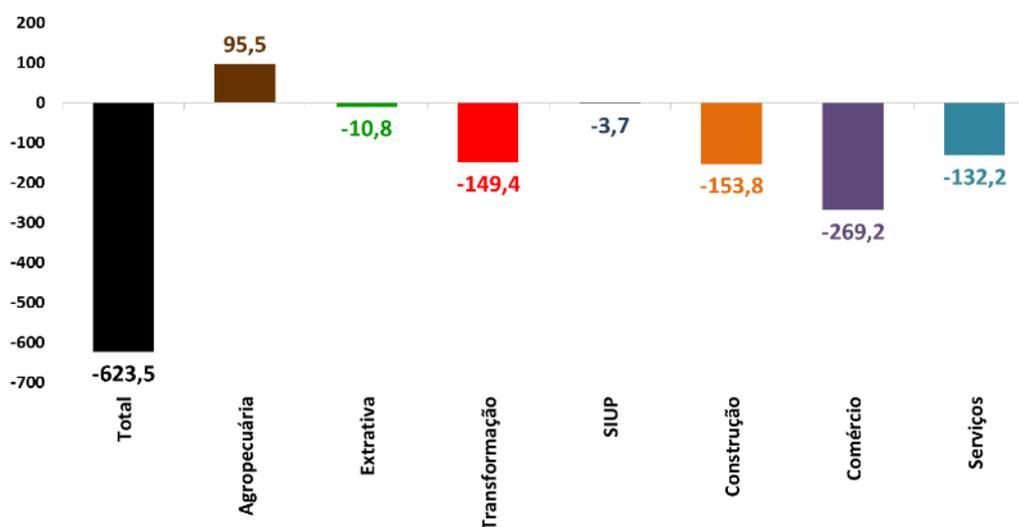


Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

ACUMULADO NO ANO DE 2016

No acumulado de janeiro a julho de 2016, no Brasil, foram fechadas 623,5 mil vagas de empregos formais em todos os setores da economia brasileira. A principal influência negativa veio do comércio, com o fechamento de 269,2 mil vagas no ano. A Indústria de Transformação também teve resultado negativo no acumulado do ano, com o fechamento 149,4 mil vagas.

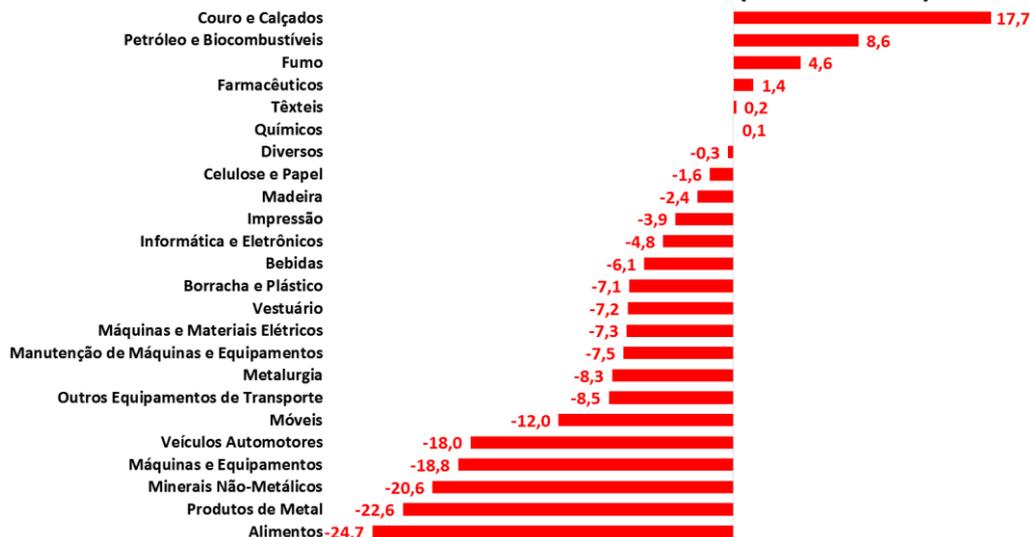
**Saldo Líquido de Empregos nos Setores da Economia Brasileira
Acumulado Janeiro a Julho de 2016 (Em Milhares)**



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no acumulado no ano foram de alimentos (-24,7 mil vagas), produtos de metal (-22,6 mil vagas) e minerais não metálicos (-20,6 mil vagas). Por outro lado, os principais resultados positivos no ano foram dos setores de couro e calçados (+17,7 mil vagas), derivados do petróleo e biocombustíveis (+8,6 mil vagas) e fumo (+4,6 mil vagas).

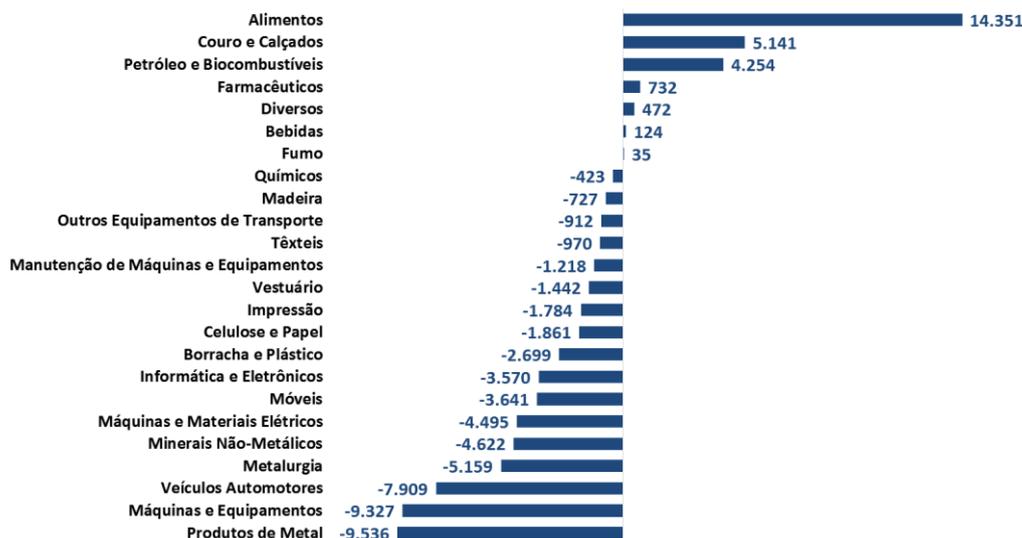
Saldo Líquido de Empregos Setores da Indústria de Transformação BRASIL - Acumulado Janeiro a Julho de 2016 (Em Milhares)



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

No Estado de São Paulo, a Indústria de Transformação teve um saldo negativo de 35,2 mil vagas no acumulado de janeiro a julho. Este resultado foi influenciado principalmente pelos setores de produtos de metal (-9,5 mil vagas), máquinas e equipamentos (-9,3 mil vagas) e veículos automotores (-7,9 mil vagas). Por outro lado, os setores de alimentos (+14,4 mil vagas), couro e calçados (+5,1 mil vagas) e derivados do petróleo e biocombustíveis (+4,3 mil vagas) foram as principais influências positivas no ano de 2016.

Saldo Líquido de Empregos Setores da Indústria de Transformação SÃO PAULO - Acumulado Janeiro a Julho de 2016



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

7. Empregos e Salários nos Setores CNAE do Sindicato

Os dados a seguir visam a apresentar um panorama geral sobre os setores incluídos no sindicato patronal quanto ao emprego e a remuneração média no Estado de São Paulo. A partir da informação dos setores CNAE representados pelo sindicato, levantamos dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) para os setores contidos no sindicato dentro do Estado de São Paulo.

SIMEFRE – SINDICATO DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS FERROVIÁRIOS E RODOVIÁRIOS

7.1. Setores CNAE no Sindicato

O SIMEFRE inclui os seguintes setores CNAE 2.0:

Departamento Rodoviário (DR):

- 29.10-7: Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários
- 29.20-4: Fabricação de caminhões e ônibus
- 29.30-1: Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores

Departamento Ferroviário (DF):

- 30.31-8: Fabricação de locomotivas, vagões e outros materiais rodantes
- 30.32-6: Fabricação de peças e acessórios para veículos ferroviários
- 33.15-5: Manutenção e reparação de veículos ferroviários

Departamento de Veículos de Duas Rodas (DV2R):

- 30.91-1: Fabricação de motocicletas
- 30.92-0: Fabricação de bicicletas e triciclos não-motorizados
- 30.99-7: Fabricação de equipamentos de transporte não especificados anteriormente

7.2. Evolução da Ocupação nos Setores do Sindicato

Segundo dados do Ministério do Trabalho, em 2015, 5.751 pessoas estavam empregadas formalmente nos setores do DF do sindicato⁵ no Estado de São Paulo, 74.777 pessoas nos setores do DR e 5.581 pessoas nos setores do DV2R. No total, as pessoas empregadas nos setores dos três departamentos do sindicato representam 3,6% do total de pessoas ocupadas formalmente na Indústria de Transformação Paulista.

Em 2015, o emprego nos setores do DF apresentou uma queda de 5,0% em relação ao ano anterior, enquanto, nos setores do DR, a queda no emprego foi de 10,5% e, nos setores do DV2R, houve uma queda de 10,2% no emprego em 2015.

Variação do Emprego Formal nos Anos (em %) Setores SIMEFRE - Estado de São Paulo



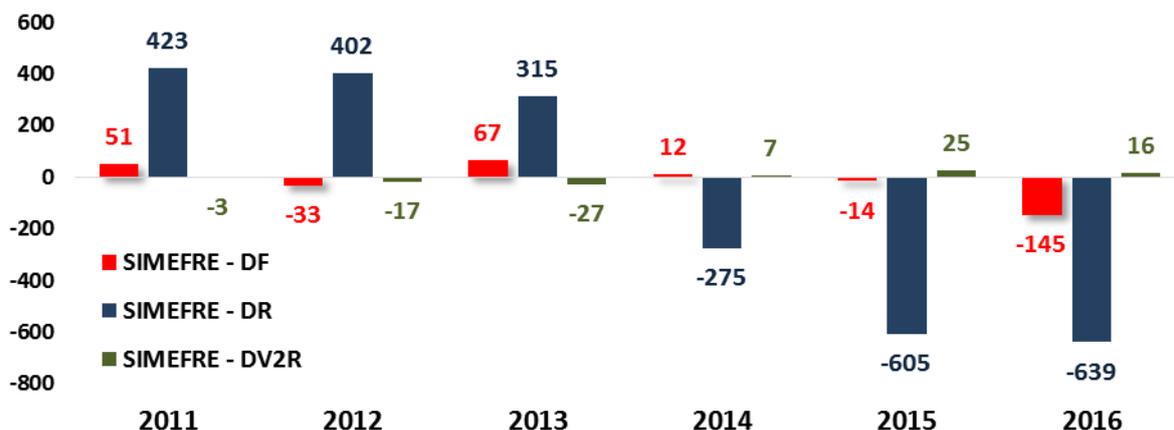
Fonte: RAIS e CAGED/MTE. Elaboração: Depecon/FIESP * Valores estimados pelo CAGED/MTE

7.3. Variação do Emprego nos Setores do Sindicato em 2016

Em julho de 2016, foram fechadas 145 vagas nos setores do DF, 639 vagas nos setores do DR e 16 vagas nos setores do DV2R. Para todos os departamentos, o resultado do emprego em julho de 2016 foi pior do que julho 2015, quando foram fechadas 14 vagas no DF e 605 vagas no DR e, no DV2R foram abertas 25 vagas.

⁵ Os dados levam em conta os setores CNAE 2.0 do sindicato no Estado de São Paulo, não representando necessariamente as empresas associadas ao sindicato.

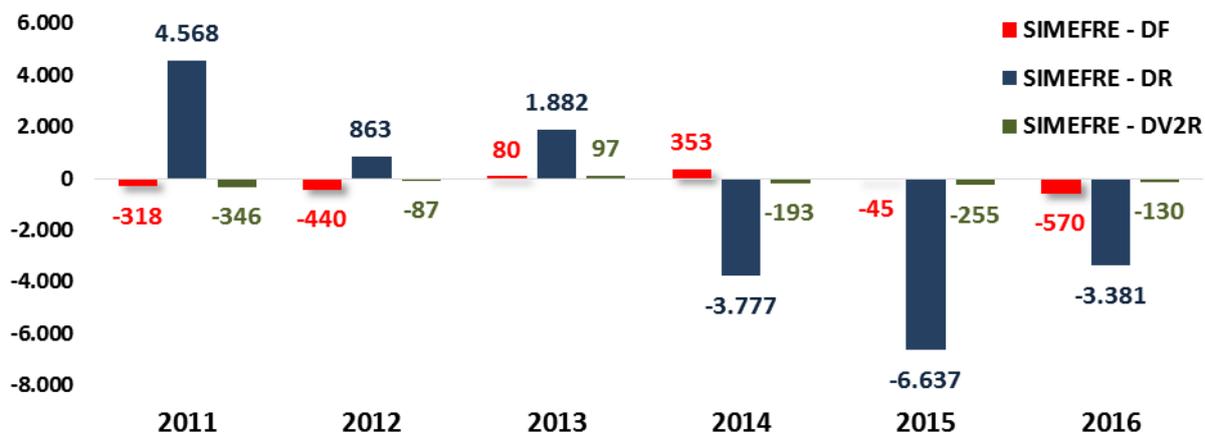
Saldo de Empregos Formais no Estado de São Paulo Setores SIMEFRE - Meses de Julho



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

No acumulado de janeiro a julho de 2016, os setores dos três departamentos do sindicato acumularam um saldo negativo. Foram fechadas 570 vagas nos setores do DF, 3.381 vagas nos setores do DR e 130 vagas nos setores do DV2R. Enquanto para os setores do DF, o resultado foi pior do que no mesmo período de 2015, nos setores do DR e do DV2R, apesar de negativo, o resultado foi melhor do que no mesmo período de 2015.

Saldo de Empregos Formais no Estado de São Paulo Setores SIMEFRE - Acumulado de Janeiro a Julho



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

7.4. Evolução Real dos Salários

Entre 2006 e 2015, a remuneração mensal média dos setores do DR no estado acumulou uma queda real de 5,9%, deflacionado pelo INPC. Nos setores do DV2R, a queda foi ainda maior, de 25,4%. Já no DF, houve um aumento real de 33,4% na remuneração mensal média dos setores no estado de São Paulo.

Remuneração Mensal Média em R\$ de 2015*									
	Setores SIMEFRE - DF			Setores SIMEFRE - DR			Setores SIMEFRE - DV2R		
	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015
2006	4.206	-	-	6.650	-	-	3.712	-	-
2007	3.268	-22,3%	-	6.849	3,0%	-	3.750	1,0%	-
2008	3.726	14,0%	-	6.694	-2,3%	-	3.763	0,3%	-
2009	4.307	15,6%	-	7.255	8,4%	-	3.632	-3,5%	-
2010	4.406	2,3%	-	7.181	-1,0%	-	3.274	-9,9%	-
2011	4.807	9,1%	-	7.028	-2,1%	-	2.731	-16,6%	-
2012	5.195	8,1%	-	6.734	-4,2%	-	2.822	3,3%	-
2013	5.409	4,1%	-	6.566	-2,5%	-	2.841	0,7%	-
2014	5.682	5,1%	-	6.337	-3,5%	-	2.803	-1,3%	-
2015**	5.611	-1,3%	33,4%	6.258	-1,3%	-5,9%	2.768	-1,3%	-25,4%

Fonte: RAIS/MTE e IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

* Valores deflacionados pelo INPC ** Valor estimado a partir do acordo coletivo do sindicato para 2015 (9,88%).

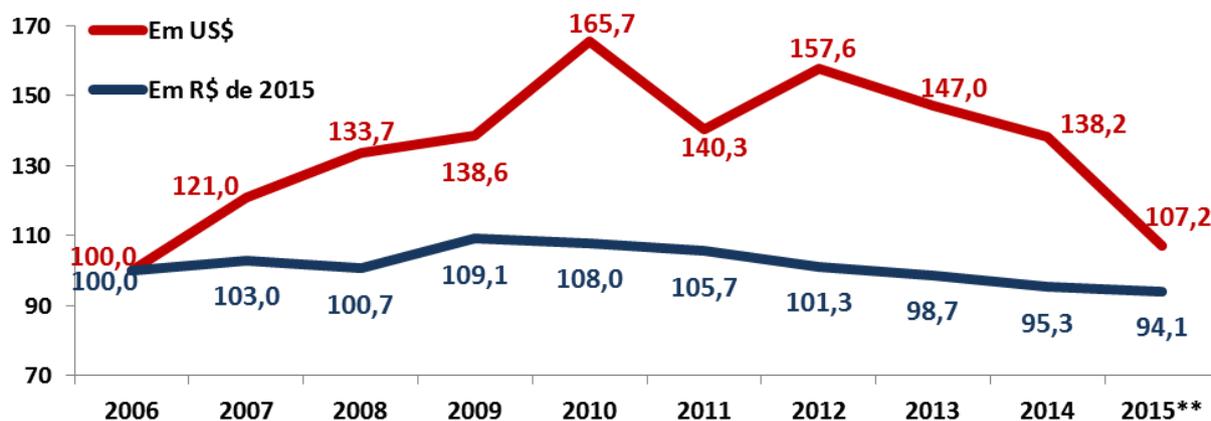
Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015* Setores SIMEFRE - DF - Estado de São Paulo - Número Índice (2006 = 100)



Fonte: MTE, IBGE e BACEN. Elaboração: Depecon/FIESP

* Valores deflacionados pelo INPC ** Valor estimado a partir do acordo coletivo do sindicato para 2015.

Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015* Setores SIMEFRE - DR - Estado de São Paulo - Número Índice (2006 = 100)



Fonte: MTE, IBGE e BACEN. Elaboração: Depecon/FIESP

* Valores deflacionados pelo INPC ** Valor estimado a partir do acordo coletivo do sindicato para 2015.

Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015* Setores SIMEFRE - DV2R - Estado de São Paulo - Número Índice (2006 = 100)



Fonte: MTE, IBGE e BACEN. Elaboração: Depecon/FIESP

* Valores deflacionados pelo INPC ** Valor estimado a partir do acordo coletivo do sindicato para 2015.